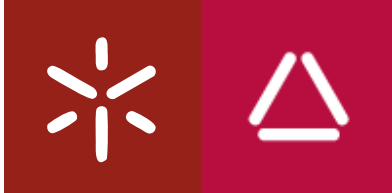




Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Sara Margarida Soares Freitas Correia

**Relação entre juventude, comportamentos
desviantes e família:
O que os jovens têm para dizer?**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Sara Margarida Soares Freitas Correia

**Relação entre juventude, comportamentos
desviantes e família:
O que os jovens têm para dizer?**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em crime, diferença e desigualdade

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Vera Mónica da Silva Duarte
Professor Doutor José Manuel Sá Cunha Machado

Declaração

Nome: Sara Margarida Soares Freitas Correia

Endereço eletrónico:

Telemóvel:

Cartão de cidadão número:

Título da dissertação:

Relação entre juventude, comportamentos desviantes e família: o que os jovens têm para dizer?

Orientadores:

Professora Doutora Vera Mónica da Silva Duarte

Professor Doutor José Manuel Sá Cunha Machado

Ano de conclusão: 2017

Designação do mestrado:

Mestrado em crime, diferença e desigualdade

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, _/ _/ _____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Existem pessoas das quais jamais nos esqueceremos pelo apoio incansável e pelo carinho transmitido ao longo de um longo período de trabalho que se torna parte fundamental na nossa vida. Este longo processo permite-nos crescer e questionarmo-nos sobre pontos de vista dos quais possivelmente nunca tenhamos parado para refletir. Existiram períodos de dúvida, emoção, ponderação, mas sobretudo de aventura que se tornou numa enorme fonte de conhecimento.

Quero agradecer aos meus orientadores, que foram essenciais na produção e aquisição de toda a informação e conhecimento alcançados, mas sobretudo pelo delicado toque de incentivo que me deram para querer ser cada vez melhor. Sendo assim, agradeço à Professora Vera Duarte e ao Professor José Machado, pela paciência, por todo o empenho, atenção e disponibilidade prestada.

Às escolas profissionais onde realizei o trabalho de investigação, nomeadamente aos diretor(es) e diretor(as) pela autorização dada para a recolha de dados. Agradeço a todo o staff que cordialmente me receberam e auxiliaram. É de notar, toda a disponibilidade dispensada.

Agradeço a todos os jovens que participaram neste estudo, bem como todas as partilhas efetuadas.

Agradeço ainda à minha família e aos meus amigos, nomeadamente aos meus companheiros nestas aventuras Bruna Coelho e Joni Fernandes.

Obrigada, por tudo.

*“No meio da dificuldade
encontra-se a oportunidade.”*

ALBERT EINSTEIN

Relação entre juventude, comportamentos desviantes e família: o que os jovens têm para dizer?

Resumo

A relação entre família e comportamentos desviantes juvenis sempre foi uma preocupação nos estudos do desvio (juvenil) e da delinquência. Se existem já estudos consistentes sobre esta relação poucos se têm debruçado sobre como os jovens atribuem significados à forma como a família e as suas dinâmicas contribuem ou não para o desenvolvimento de comportamento desviantes e delinquentes. Foi neste propósito que se desenvolveu este trabalho científico que tem como objetivo principal compreender o papel da família no desenvolvimento do comportamento desviante dos jovens, através da ótica dos mesmos.

No que diz respeito à metodologia de investigação, numa primeira fase, debruçou-se sobre técnicas quantitativas, tendo sido utilizados inquéritos sociais, nomeadamente a versão portuguesa da Escala de Condutas Antissociais e Delitivas, um questionário sociodemográfico e de caracterização de perceções e práticas familiares, construído para esta investigação. Com estes instrumentos pretendemos caracterizar os principais comportamentos desviantes dos alunos, percebendo se há diferenças de género e de idade; perceber a relação entre a existência de problemas na família e as condutas desviantes dos jovens; perceber a relação entre práticas familiares (dis)funcionais e os comportamentos desviantes (percecionados e praticados) dos jovens. Numa segunda fase, de índole qualitativa foram realizados grupos focais, a fim de explorar as perspetivas dos jovens sobre comportamentos desviantes e dinâmicas familiares.

Os resultados mostram que os jovens concordam que o consumo de substâncias, ter amigos más influências, ter pais com problemas com a justiça, pais com autoridade ou liberais e/ou problemas económicos podem influenciar as condutas dos jovens, enunciando algumas questões até bastantes pertinentes de serem debatidas. A família é vista como a principal influenciadora de condutas, mais do que a própria sociedade.

A juventude, a família e os comportamentos desviantes são conceitos que se entrecruzam e este trabalho colabora para um desenvolvimento nestas temáticas, laboradas e fortalecidas sobre o olhar atento dos jovens.

Palavras-chave: Juventude, família, comportamentos desviantes.

Relationship between youth, deviant behavior and family: what do young people have to say?

Abstract

The relationship between family and juvenile deviant behavior has always been a concern in studies of deviance (juvenile) and delinquency. If there are already consistent studies on this relationship few have looked at how young people attribute meanings to the way in which the family and its dynamics contribute or not to the development of deviant and delinquent behavior. It was in this purpose that this scientific work was developed whose main objective is to understand the role of the family in the development of the deviant behavior of the young, through their perspective.

As far as the research methodology was concerned, it was initially a question of quantitative techniques, and social surveys were used, namely the Portuguese version of the Anti-Social and Delusional Conduct Scale, a sociodemographic questionnaire and characterization of family perceptions and practices, built for this research. With these instruments we intend to characterize the main deviant behaviors of the students, noticing if there are differences of gender and age; to perceive the relation between the existence of problems in the family and the deviant behaviors of young people; perceive the relationship between (dis) functional family practices and the deviant behaviors (perceived and practiced) of the young. In a second phase, qualitative groups were held in order to explore young people's perspectives on deviant behavior and family dynamics.

The results show that young people agree that substance use, having bad friends, having parents with problems with justice, parents with authority or liberals and / or economic problems can influence the behavior of young people, be debated. The family is seen as the main conduit influencer rather than society itself.

Youth, family and deviant behavior are concepts that intersect and this work contributes to a development in these themes, worked and strengthened on the attentive look of young people.

Keywords: Youth, family, deviant behavior.

Índice

Introdução.....	1
-----------------	---

I PARTE – ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

CAPÍTULO 1. Juventude, família e comportamentos delinquentes: definição de conceitos.....	4
CAPÍTULO 2. Relação entre família e comportamentos desviantes juvenis: estado da arte.....	15
CAPÍTULO 3. Metodologia	21
3.1. Objetivos do estudo	21
3.2. Escolha metodológica.....	22
3.3. Métodos e Técnicas de recolha de dados	23
3.4. Entrada no terreno, procedimentos, roteiro ético e amostra	25

II PARTE – ANÁLISE EMPÍRICA

CAPÍTULO 4. Compreender o papel da família nos comportamentos dos jovens	28
4.1. Caracterização da população participante	28
4.2. Caracterizar os principais comportamentos desviantes dos alunos, percebendo se há diferenças de género e de idade.....	32
4.2.1.As principais condutas dos jovens	32
4.2.2. A questão do género	34
4.2.3.A questão idade	35
4.3. Perceber a relação entre a existência de problemas na família e as condutas desviantes dos jovens	36
4.4. Perceber a relação entre práticas familiares (dis)funcionais e os comportamentos desviantes(percecionados e praticados) dos jovens	38
4.4.1. Práticas familiares e comportamentos	38
4.4.2. Jovens que transgridem vs. jovens que não transgridem	42
4.4.3. Opiniões dos jovens sobre outras questões sociais e familiares.....	45
4.5. Explorar as perspetivas dos jovens sobre comportamentos desviantes e dinâmicas familiares	47
4.5.1. Os consumos nos jovens	47
4.5.2. Comportamentos violentos entre jovens	48
4.5.3. Família como ponto de influência	50
4.5.4. Jovens no papel de pais	55
4.5.5. Coesão e participação familiar	55

4.5.6. Preocupações dos jovens	56
CAPÍTULO 5. Discussão dos resultados	58
5.1. Compreender o papel da família nos comportamentos dos jovens	58
5.1.1 Caraterizar os principais comportamentos desviantes dos alunos, percebendo se há diferenças de género e de idade	58
5.1.2. Perceber a relação entre a existência de problemas na família e as condutas desviantes dos jovens	61
5.1.3. Perceber a relação entre práticas familiares (dis)funcionais e os comportamentos desviantes(percecionados e praticados) dos jovens	62
5.1.4. Explorar as perspetivas dos jovens sobre comportamentos desviantes e dinâmicas familiares	65
5.1.4.1. Consumos de substâncias ilícitas por parte dos jovens	65
5.1.4.2. Preocupações dos jovens	66
Conclusão	68
Referências Bibliográficas	71
Anexos	77
Anexo 1- Divulgação do projeto	78
Anexo 2- Pedido de Autorização	79
Anexo 3- ECAD	80
Anexo 4- Questionário.....	81
Anexo 5- Guião Grupos Focais	86

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Condutas Antissociais	33
Gráfico 2- Condutas Delitivas	34
Gráfico 3- Opiniões dos jovens no que toca às práticas familiares	38
Gráfico 4- Opiniões sobre jovens que mais transgridem	41
Gráfico 5- Opiniões dos jovens	45
Gráfico 6- O que mais fazem os pais dos jovens	46

Índice de Tabelas

Tabela 1- Jovens participantes no estudo, primeira fase	26
Tabela 2- Caraterização sociodemográfica	29
Tabela 3-- Caraterização sociodemográfica (continuação)	31
Tabela 4- Correlações entre condutas antissociais e delitivas da amostra	32
Tabela 5- Diferença de género	35
Tabela 6- A questão idade	35
Tabela 7- Casos com problemas na família	36
Tabela 8- Problemas na família	37
Tabela 9- Matriz de componente rotativa	39
Tabela 10- Correlações entre problemas na família e práticas familiares	40
Tabela 11- Resultados da opinião de todos os jovens	42
Tabela 12- Comparações entre jovens com e sem comportamentos antissociais	43
Tabela 13- Comparações entre jovens com e sem comportamentos delitivos	43
Tabela 14- Comparações entre jovens com e sem comportamentos desviantes	44

Índice de Figuras

Figura 1- Fatores de risco na delinquência, sobre o olhar do modelo ecológico	12
--	----

Índice de siglas e abreviaturas

CA- Comportamentos antissociais

CAD- Comportamentos desviantes

CD- Comportamentos delitivos

ECAD- Escala de Condutas Antissociais e Delitivas

LPCJP- Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

LTE- Tutelar Educativa

ONU- Organização das Nações Unidas

OTM- Organização tutelar de menores

Introdução

É difícil falarmos de comportamentos desviantes nos jovens sem tentarmos perceber o que se encontra por detrás da cortina. Absorver só a informação que nos é transmitida diariamente pelos media não é suficiente, isto se as tomarmos como correspondentes à realidade.

A constatação do aumento de notícias sobre jovens que violentam outros jovens tem sido uma realidade bastante presente na nossa sociedade. A questão já não é apenas associada a jovens que vivem em determinados locais rotulados como perigosos, que sejam de determinada raça ou étnica ou que tenham um nível económico baixo. Atualmente assistimos a jovens de classe média/alta a praticarem condutas desviantes. Entre várias explicações uma delas pode prender-se com a própria condição de se ser jovem e da sua relação com o desvio, que os estudos têm demonstrado ser normal e funcional (Durkheim, 1970, 1992). Para serem crime, essas condutas precisam de ter enquadramento na lei. A Lei Tutelar Educativa (LTE) é a lei que compõe o quadro normativo-jurídico e acompanha os jovens que praticam factos ilícitos considerados pela lei como crimes. Salienta-se o facto de a idade do praticante do ato ser um importante ponto a considerar, uma vez que é estabelecido um limite etário de imputabilidade penal. A LTE abrange as idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, quando ultrapassada esta idade os jovens são julgados e punidos como adultos (Martins, 2004). Facto é que jovens com menos de 12 anos que cometam atos criminais não sofrem qualquer punibilidade por parte da lei.

Quando olhamos para as estatísticas observamos que os registos de comportamentos delinquentes associados à adolescência sofreram algumas oscilações nos últimos anos. A chamada delinquência registada associada à adolescência revelou um aumento entre os anos de 2013 e 2014, porém, de 2014 a 2016 os registos indicam que houve um decréscimo da delinquência juvenil registada (RASI, 2016). Apesar de os dados estatísticos nos fornecerem importantes informações, devemos ainda olhar para outras questões associadas à delinquência juvenil. Torna-se essencial analisar o que se encontra por trás destes comportamentos, estudando e investigando através da célula base dos jovens, a família.

Os comportamentos dos jovens são fortemente relacionados com a família. Várias são as ciências que estudam esta relação, como é o caso da sociologia, psicologia, criminologia, educação, entre outras. A conceção de família tem sofrido profundas

alterações ao longo da história, todavia, contínua sem ser consensual uma definição universal de família, que encaixe nas características e particularidades de cada sociedade. Mesmo não havendo consenso no que respeita à definição de família, investigadores continuam a analisá-la segundo as suas próprias concepções e associam-nas a fatores de influência no desenvolvimento de condutas nos jovens (Hirshi, 1969; Loeber, Farrington & Petechuk, 2003; Fonseca Ed., 2002; Hoeve et al., 2008, 2009; Savignac, 2009; Farrington, 2011; Oliveira, 2015).

A família é o primeiro agente de socialização das crianças e responsável pelo seu bom desenvolvimento psicossocial. As questões associadas à família afetam os seus filhos, mesmo que esta não tenha culpa direta nas situações em que está inserida, como é o caso da pobreza, do desemprego e desigualdades. Estrutura e dinâmica familiar, estilos parentais, área de residência, monoparentalidade, divórcio, transmissão genética são temas que estão na ordem de influência de comportamentos (Fonseca Ed., 2002; Loeber, Farrington & Petechuk, 2003; Hoeve et al., 2008, 2009, 2012; Savignac, 2009; Carvalho, 2010; Farrington, 2011; Duarte & Carvalho, 2015).

As teorias da aprendizagem têm vindo a mostrar que os jovens seguem os exemplos dos pais e tomam muitas das vezes os seus atos como sendo normais. Comportamentos desviantes também são associados ao consumo de substâncias e à rede social dos jovens que transcende a família, como é o caso dos amigos más influências e dos locais que frequentam. Já dizia a antiga expressão popular “Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”. A rotulação nos jovens é um título que já ganhou força, mesmo quando lhes associamos expressões como irresponsabilidade e desinteresse (Pais, 2003).

Como questão central desta investigação definiu-se a tentativa de compreensão do papel da família na vida dos jovens, olhando às perceções e opiniões criadas e tomadas por estes. Facto é que a juventude, família e comportamentos desviantes entrecruzam-se e a pesquisa feita aponta nesse sentido.

Esta dissertação encontra-se dividida em duas partes onde constam 5 capítulos. No que concerne à primeira parte da dissertação, encontra-se explicado e desenvolvido todo o campo conceptual sobre os conceitos de juventude, família e comportamentos delinquentes e desviantes dos jovens. Associada a estas questões, existem os campos estatísticos, legais e sociais. As teorias orientadoras desta dissertação também são alvo de análise e de exploração; contributos de estudos nacionais e internacionais sempre orientados para a questão das temáticas em assunto, procurando cruzar para as mesmas questões perspectivas comuns e distintas; a metodologia utilizada, desenvolvida sobre a

questão de captar o olhar dos jovens sobre as questões de relação de família com comportamentos juvenis. Aborda ainda a entrada no terreno.

Na segunda parte da dissertação existe como foco a apresentação e descrição dos resultados e sua discussão. Constam os resultados obtidos através metodologia quantitativa e da qualitativa. Existe uma acentuada descrição sobre os dados, a fim de dar a perceber de forma mais simplificada os resultados alcançados; a discussão de resultados, onde se entrecruzam os resultados obtidos em ambos os métodos, conjugando com as contribuições teóricas.

Por fim, na conclusão aborda-se a pertinência deste estudo como produção de conhecimento sobre a temática, justificada através do cruzamento dos pontos centrais desenvolvidos ao longo desta dissertação, como é o caso dos objetivos do estudo, os contributos teóricos de investigadores e os resultados obtidos nesta investigação São acrescentadas ainda algumas reflexões inerentes ao desenvolvimento desta dissertação.

I PARTE – ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Os jovens de hoje gostam do luxo. São mal comportados, desprezam a autoridade. Não têm respeito pelos mais velhos e passam o tempo a falar em vez de trabalhar. Não se levantam quando um adulto chega. Contradizem os pais, apresentam-se em sociedade com enfeitos estranhos. Apressam-se a ir para a mesa e comem os acepipes, cruzam as pernas e tiranizam os seus mestres. SÓCRATES (470-399 A.C.)

CAPÍTULO 1. Juventude, família, comportamentos delinquentes: definição de conceitos

Uma panóplia de conceitos que se entrecruzam mostra a necessidade de se vincarem os conceitos-chave deste estudo. Abordar as conceções de juventude, comportamentos desviantes, delinquentes e de família torna-se essencial para uma correta compreensão do trabalho aqui desenvolvido.

Este tema tem particular importância, uma vez que nos evidencia como o conceito de criança foi sofrendo alterações com os grandes marcos existentes ao longo da história¹, podendo portanto nos dias de hoje dar voz aos jovens. Este estatuto atribuído à criança como detentora de direitos é relativamente recente. A Convenção dos Direitos da Criança foi um importante documento que assinalou os grandes progressos feitos sobre as representações da infância (Martins, 2004), atribuindo direitos às crianças e dando-lhe um papel ativo na sociedade. Assim, os menores passaram a ser detentores de direitos sociais, culturais, económicos e civis, onde a proteção assenta numa nova relação com a promoção. Posto isto, esta Convenção ajuda à reforma dos direitos dos menores e à evolução do sistema jurídico em Portugal (Martins, 2004).

Segundo os grandes marcos na história da criança, o conceito a ela associado regista oscilações que variam entre uma visão romanceada de ser criança, à qual está subjacente a ideia de pureza; a representação da criança como um adulto em miniatura ou, ainda; conceções que desvalorizam esta fase da vida e remetem aqueles que a vivem para um estatuto de não cidadão, de não existência social (Correia, 2015). Vejamos, esta dualidade de conceitos pode trazer uma ideia da criança em dois extremos, em que por lado existe uma visão associada a anjos e outra a demónios. Hannah Arendt, em 1972 (citada em Duarte, 2011, p.15) afirmava:

¹ Na Europa em 1924, surgiu a Liga das Nações adota a Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança; em 1959, a Assembleia Geral da ONU adota a Convenção dos Direitos da Crianças; e em 2000, a Assembleia Geral da ONU adota protocolos sobre prostituição e pornografia infantil (UNICEF, 2009).

A criança precisa ser particularmente protegida e cuidada para evitar que o mundo possa destruí-la. Mas o mundo também tem necessidade de proteção, de forma a evitar que ele seja devastado e destruído pela onda de recém-chegados que o invade a cada nova geração.

Acompanhando estas evoluções e transformações e à medida que a criança vai emergindo como ser social, vão surgindo todo um conjunto de medidas de proteção à infância que acompanham as representações sociais que, em cada momento, se constroem sobre a mesma. Esta normatividade, na medida em que decorre de representações que em cada época se têm sobre a infância e a família, regista igualmente diferentes atitudes em relação à proteção desde medidas mais reguladoras e punitivas², até aos recentes normativos internacionais que vêm validar o estatuto da criança como cidadão (Convenção dos Direitos da Criança).

Com a produção de um novo conceito de criança, importa desmistificar outros conceitos, como é o caso de juventude. Esta é desvendada pelos acontecimentos decorrentes na sociedade, podendo ser vista como um produto de uma construção sociológica (Pais, 2003). Os jovens, apesar de terem as idades em comum, não têm necessariamente que ter os mesmos gostos e opiniões. O autor Pais (2003) aborda uma questão pertinente quando revela uma tendência de a juventude ser tomada como um conjunto social onde existem várias culturas juvenis. Perante isto, existirá apenas uma juventude ou juventudes? Por norma, tende-se a dar como universal os mesmos comportamentos e atitudes aos jovens, ou seja, usando uma expressão popular portuguesa, colocam-se todos no mesmo saco.

A juventude, ou como defende Pais (2003), as juventudes, tem sido vista como um conjunto social que agrega várias subculturas juvenis, tornando-se assim indispensável “estabelecer ruturas com as representações correntes de juventude” (idem, p.28). Juventude é “um conceito relacional, situado num contexto dinâmico, numa paisagem social de poder, conhecimento, direitos e noções culturais de agencialidade” (Duarte, 2011, p. 13). Vistos simultaneamente como construtores *vs.* transgressores das normas sociais, os jovens recriam estruturas e normas, ao mesmo tempo que fraturam fronteiras e vidas, são juventude-problema (idem, p. 14). Uma das questões que se coloca é até que ponto estas juventudes tomam esses problemas como sendo seus (Pais, 2003).

² Havia a OTM que assentava numa ideologia de “proteção e tratamento, aplicando-se indiferenciadamente, tanto a situações de crianças em risco, como a situações de jovens delinquentes, sendo estes vistos como indicadores sintomáticos do perigo, produto das circunstâncias socioeconómicas que os envolve, e as suas condutas avaliadas enquanto demonstrações de fraca socialização.” (Rodrigues, 2010, p.8/9). Com a ratificação da Convenção dos direitos das crianças, a OTM foi abolida e mais tarde substituída pela Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo e a Lei Tutelar Educativa (LTE), em 1999.

A juventude é vista como uma fase da vida, agregada a certos problemas sociais que demonstram desinteresse e irresponsabilidade por parte dos jovens, contudo, esta nunca atingiu tanta força grupal e tanto estatuto como nos dias de hoje (idem). Na juventude existem fases mais complicadas como a adolescência, com características específicas que devem ser tomadas em consideração. Dias (2015) trabalhou as ideias de alguns autores que consideram a adolescência uma fase em que os jovens têm dificuldades em aceitar orientações, afastando-se da sua família e aproximando-se dos seus grupos de pares. Esta aproximação pode desenvolver a iniciação de consumos por parte dos jovens e o desenvolvimento de comportamentos desviantes (Vicario & Romero, 2005 e Dias & Vierira, 2010, citados por Dias, 2015). Assim, começaram a emergir e a ser necessário tratar outros conceitos, inevitavelmente interligados a este último, como é o caso da família.

Com a evolução de conceito de criança, outros também evoluem, como é o caso do conceito de família. Este acompanha a evolução do próprio conceito de criança, tal a relação estabelecida entre ambos e a coexistência destas duas realidades vivenciais.³

De uma conceção de família alargada que contempla a convivência de diferentes gerações e graus de parentesco no mesmo agregado passamos, na atualidade, a conceções múltiplas de família: as nucleares, as alargadas, as monoparentais, as recompostas, as homossexuais. Família continua a ser um conceito em que não há unanimidade, uma vez que cada uma tem as suas próprias características e particularidades. Esta pretende-se que seja um espaço de desenvolvimento, socialização e proteção, com um papel fundamental na vida de cada pessoa, mais “é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e praticas desenvolvidas ligadas diretamente às transformações da sociedade” (Minuchin, 1985,1988 citado por Faco & Melchiori, 2009, p. 122).

A família representa uma grande base na vida dos jovens, interferindo diretamente no desenvolvimento humano dos seus filhos. Perante isto, o relacionamento dos jovens com a família é essencial, uma vez que tem influência na constituição de comportamentos sociais e psicológicos dos jovens (Formiga & Gouveia, 2003), por serem um dos principais agentes de socialização.

Mais do que abordar o conceito de família e nos preocuparmos em a definir é necessário olha-la como uma célula que tem capacidade de resistir e se adaptar às mudanças impostas pela sociedade. Acompanha as evoluções e transformações sociais e

³ Uma mais alargada visão sobre este tema pode ser consultado de forma mais alargada no arquivo da Universidade Católica de Braga, procurando por: Correia, S. (2015- não publicada). *Intervenção social na área das crianças e jovens em perigo: Violência Doméstica*, Monografia, Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia e de Ciências Sociais, Braga, Portugal.

faz emergir novos modelos familiares, estruturas, relações, dinamismos e funções. Reestrutura-se para continuar a ser funcional (Dias, 2011).

A família é vista como um sistema que agrega vários subsistemas, estando todos os elementos da família interligados entre si. Se existe algum acontecimento que afeta um constituinte da família, acaba por causar impacto igualmente nos restantes (idem). O equilíbrio é uma das palavras de ordem que acompanha as transformações e evoluções percorridas pela família e apesar de ser um sistema aberto, continua a ter a sua própria estrutura e dinâmica onde são ensinados valores, regras e normas sociais aos descendentes, sempre privilegiando a comunicação (idem). Esta última dimensão também é apontada como algo essencial por Olson (1999) que a aponta como sendo um importante fator ao bom desenvolvimento e entendimento familiar.

Apesar de haver múltiplos contributos de investigadores sobre o conceito de família, existe um que carece de especial atenção, o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares de Olson. Este modelo é fundamental para conceber um diagnóstico sobre as relações familiares, não será intensamente utilizado, mas será abordado como uma importante ferramenta ao olhar das relações familiares no que toca às três dimensões: coesão familiar, flexibilidade familiar e comunicação familiar.

O modelo de Olson (Olson 1999, 2000, 2011; Olson & Gorall, 2003; Pereira et al., 2013) visa analisar o funcionamento familiar, integrando as três dimensões consideradas fundamentais para a obtenção de um diagnóstico relacional. Estas são essenciais para a obtenção de um diagnóstico relacional.

A coesão familiar é definida como a ligação emocional que existe no seio familiar, que liga os elementos entre si. Nesta existem níveis atribuídos às famílias de forma a compreender melhor o seu funcionamento, como é o caso da família: enredada (coesão extremamente alta), ligada (coesão moderada/alta), separada (coesão baixa/moderada) e descomprometida (coesão extremamente baixa). A enredada e descomprometida são consideradas problemáticas para relações a longo prazo, no entanto, quando os níveis de coesão dentro da família são elevados, pode levar a um maior consenso nesta (Olson, 1999; Born, 2005). Por outro lado, a família ligada e separada contribuem para um bom desenvolvimento do indivíduo e para que o funcionamento familiar seja equilibrado (Olson, 1999; Born, 2005).

A adaptabilidade/ flexibilidade do sistema familiar abarca mudanças executadas no tempo (idem), com níveis definidores de família como: caótico (adaptabilidade

extremamente alta), flexível (adaptabilidade moderada/alta), estruturado (adaptabilidade baixa/moderada) e rígido (adaptabilidade extremamente baixa).

Na adaptabilidade/flexibilidade, mostra-se a capacidade da família em mudar a sua estrutura, relacionamentos ou regras, engloba assim aspetos como a liderança e os papéis nos relacionamentos. Quando a família é caótica ou rígida, pode haver um empobrecimento nos papéis familiares (Born, 2005) e um sentimento frágil de conexão à família, existe ainda uma inflexibilidade quanto às regras. Perante isto, torna-se vaga a definição de papéis no seio familiar, mudando os mesmos invertem-se em algum momento.

Relativamente à terceira e última dimensão, a comunicação, esta é considerada uma facilitadora entre dimensões. Promove a circulação de informação, a escuta ativa, a clareza, a fala, o respeito e a autorrevelação (Olson, 1999). Privilegia as habilidades em termos de audição como ainda privilegia a empatia e atenção (idem).

Este modelo orienta para o sentido de quando mais a família for desestruturada, em termos de coesão, flexibilidade e/ou comunicação, maior será a probabilidade de os jovens desenvolverem comportamentos desviantes.

Quando falamos de comportamentos desviantes verificamos que existe uma fácil categorização de ações como sendo desvio, crime ou normalidade mediante a nossa ótica das situações, ótica essa que pode diversificar-se quando tomada por outras pessoas. É difícil obter conceções exatas, todavia, podem ser continuamente explorados.

Para abordarmos a questão da delinquência juvenil, temos de perceber melhor em quê que esta consiste e analisar tanto a componente científica como a social. Assim, “importa identificar as suas formas de produção a partir dos contextos onde se manifesta, dos protagonistas que envolve e dos instrumentos de reacção social de que uma sociedade dispõe num quadro alargado de mudanças sociais.” (Carvalho, 2010, p.6). Para tal vejamos, o caso dos meios de comunicação de massas que têm tido um papel crucial nessa construção social da delinquência juvenil e dos comportamentos desviantes dos jovens. As notícias sobre os comportamentos produzidos pelos jovens invadem constantemente as nossas casas, tendo a área criminal se tornado cada vez mais abordada nos meios de comunicação. Para além de se entreter a população com estas notícias (Gomes, 2015), a mediatização de casos criminais, rotulam e estigmatizam grupos e pessoas, “a imprensa, funciona tal como uma prisão ou o gueto, uma vez que são instituições encarregadas de estigmatizar determinados grupos.” (Loic Wacquant, 2000, citado por Gomes, 2015, p.86).

A Justiça e a Comunicação Social estão «condenadas» a viver em conjunto. Assim o exigem os princípios de transparência e de publicidade da administração da justiça,

bem como o escrutínio democrático dos cidadãos relativamente aos poderes do Estado, que é, em boa medida, feito indiretamente através dos média (Fidalgo & Oliveira, 2005, citados por Machado e Santos, 2009, p.2).

Para além dos meios de comunicação, temos que compreender qual o enquadramento jurídico que responde aos comportamentos delinquentes dos jovens. É consensual, internacionalmente, que os jovens que cometem algum crime devem ter uma resposta legal e uma intervenção diferenciada dos adultos. O que parece não ser consensual é a idade de imputabilidade penal, o que faz que a análise deste fenómeno tenha de ser situada no seu contexto geográfico. No caso português existe um quadro normativo-jurídico no nosso país que acompanha e pune jovens delinquentes, como é o caso da Lei de Proteção das Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro, retificada pela Lei n.º 142/2015 de 8 de Setembro) e a Lei Tutelar Educativa (Lei n.º 166/99, de 14 de Setembro, retificada pela Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro). A LPCJP visa sobretudo salvaguardar os direitos das crianças, não comprometendo a sua educação, desenvolvimentos e saúde. Contudo, importa aqui abordar a LTE⁴, que acompanha os jovens que executam ilícitos criminais.

A Lei tutelar Educativa “estabelece o limite etário da imputabilidade penal nos dezasseis anos e a idade mínima da abrangência da intervenção tutelar educativa nos doze anos” (Martins, 2004, p.97). Perante isto, existem jovens que não são alvos de punição devido à sua menoridade penal, apesar de terem praticado situações que em adultos são alvos de sanção, aqui os jovens são considerados criminalmente inimputáveis (Duarte & Carvalho, 2015).

Os comportamentos desviantes praticados pelos jovens são intensamente estudados e investigados pelas diferentes disciplinas das ciências sociais, particularmente os contributos das diferentes correntes sociológicas⁵. Se as explicações são muitas, as

⁴ A LTE veio substituir a OTM (Decreto-lei n.º 314/78, de 27 de Outubro), em que a sua ideologia assentava “proteção e tratamento, aplicando-se indiferenciadamente, tanto a situações de crianças em risco, como a situações de jovens delinquentes, sendo estes vistos como indicadores sintomáticos do perigo, produto das circunstâncias socioeconómicas que os envolve, e as suas condutas avaliadas enquanto demonstrações de fraca socialização.” (Rodrigues, 2010, p.8/9). Contudo, na década de 90, chegou-se à conclusão que a Organização Tutelar de Menores tinha um modelo de proteção inadequado, não conseguia dar resposta aos problemas de delinquência juvenil, pondo em causa a intervenção. Posto isto, no ano de 1999 surgiram assim novas leis, como a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo e a Lei Tutelar Educativa.

Uma mais alargada visão sobre este tema pode ser consultado de forma mais alargada no arquivo da Universidade Católica de Braga, procurando por: Correia, S. (2015- não publicada). Intervenção social na área das crianças e jovens em perigo: Violência Doméstica, Monografia, Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia e de Ciências Sociais, Braga, Portugal.

⁵ Vejamos como exemplos: Durkheim eu considerava “o desvio tem uma função adaptativa. Pode impulsionar a mudança social e cultural através da introdução de novas ideias e de novos desafios à sociedade. Em segundo lugar, o desvio promove a manutenção de fronteiras entre comportamentos maus e bons” (Giddens, 2009, p.1072); Ferreira (1999), o desvio é considerado uma infração e uma censura, em que por um lado existe a ordem social que é desrespeitada e por outro, controla-se e afirma-se uma normalidade, vista como sendo a mais adequada; No que toca às teorias dos grupos subculturais, as culturas juvenis tratam-se nada mais do que subculturas em que se regem por determinados comportamentos grupais, em que os jovens reagem mediante a sua situação anómica (Cloward & Ohlin, 1960); Na teoria da aprendizagem a explicação sobre os comportamentos delinquentes, vai de encontro à ideia que o comportamento delincente é aprendido. Sutherland (citado por Cusson, 2011) afirmou que estes comportamentos são assimilados através da imitação, na companhia de pares e com situações propícias à desviância; Nas teorias do controlo social Hirishi, um dos

terminologias utilizadas também. O que se apresenta, igualmente, como um grande desafio. Duarte & Carvalho (2015) discutem a questão da existência de uma dupla referenciação ao conceito de delinquência, que trazem algumas discussões. A necessidade de diferenciar conceitos como delinquência e criminalidade juvenil foi um dos desafios imposto, uma vez que obriga à delimitação do conceito. Também Negreiros (2008) explora esta questão das diversas nomenclaturas que são dadas às condutas desviantes, como é o caso: comportamentos antissociais, crime, delinquência ou até mesmo perturbação do comportamento. Estas contribuições são de vastas áreas do saber, contudo, esta última foi retirada da área da saúde.

Esta discussão impõe-se neste trabalho porque, por força da utilização de um instrumento de recolha de dados⁶, irão ser trabalhados dois conceitos – condutas antissociais⁷ e delitivas. As condutas antissociais⁷ e delitivas têm em comum afetarem o bem-estar das pessoas, afetando os seus direitos e deveres (Formiga & Gouveia, 2003). Apesar deste contributo o conceito de condutas antissociais não tem sido unânime, principalmente entre os sociólogos, que consideram que não existem condutas antissociais, porque, em essência, todos os comportamentos são sociais. Como refere Born (2005) os atos de delinquência colocam os seres humanos em ligação, daí serem atos sociais. Neste sentido, utilizaremos o termo “antissocial” para explicar os comportamentos desviantes e de não consciencialização das regras de vivência em sociedade, uma vez que quem atribui esta conotação aos jovens são os próprios membros das sociedades, mediante as regras, normas e leis nelas impostas (idem).

O termo “comportamento delitivo” reúne maior consenso uma vez que tem estado relacionado com o termo “delinquire” que se refere a um “ato ilegal, infração ou violação punida por lei” (Duarte & Carvalho, 2015, p.102), sendo essencial a regência pelas leis impostas em cada país. Segundo Negreiros (2008), a delinquência pode ser percebida como um contacto oficial com os tribunais, em que os jovens devido à sua menoridade penal só são criminalmente julgados a partir dos 16 anos (no caso português). Neste sentido, a delinquência apresenta uma dupla referencialidade, ou seja, ligada ao âmbito legal e ao social.

principais autores desta teoria, defende a ideia que o ser humano pondera muito bem antes de se envolver na criminalidade, analisando tudo que tem a ser favor e contra.

⁶ ECAD.

⁷ Termos usado no instrumento ECAD, contudo, veja exemplos concretos do ECAD para justificar a resistência a este termo. Tomemos como exemplo: a) Fazer brincadeiras com pessoas (...); b) responder mal a um/a superior (...); c) desarrumar ou assobiar numa reunião, escola (...), estas são formas de interação, mais se comprova através de Giddens (2009, p.1240) que a interação social é “qualquer forma de encontro social entre indivíduos. A maior parte das nossas vidas é constituída por interações de um tipo ou de outro” (interações desfocalizadas ou focalizadas).

Moffit (1993) retrata a delinquência como uma forma de se organizar com evoluções distintas, sendo persistente ao longo da vida e ainda como limitada à adolescência. Para a primeira situação, o autor menciona que pode começar a ocorrer atividade criminal aos 4 anos de idade, prolongando-se até à idade adulta. Para descrever este padrão criminal, o autor aborda esta persistência como uma coerência criminal que mantém uma continuidade do estilo de vida das crianças e/ou jovens, desde a sua tenra idade até à fase adulta. Faz ainda referência a jovens que perpetuam este comportamento, como jovens que por vezes têm alguns problemas neurológicos e vivem em ambientes que não são os mais adequados. Para a segunda situação, Moffit (1993) menciona a delinquência como algo pontual na adolescência. Trata-a como um fenómeno que é quase universal, no sentido de não haver um equilíbrio entre maturidade social e biológica, características próprias da idade. Seguindo esta última ideia, torna-se fundamental aludir que o pico da atividade criminal, segundo a curva da idade-crime, fixa-se nos 17 anos, havendo posteriormente um decréscimo com o aumentar da idade (Negreiros, 2008). Esta curva mostra ainda que há jovens que param de delinquir sem necessidade de alguma intervenção (idem).

A delinquência cada vez mais está enraizada na nossa comunidade (Carvalho, 2009), e a própria delinquência juvenil afeta as sociedades atuais (Formiga et al., 2015). Esta não é somente efetuada por jovens de classes baixas⁸. Abandone-se essa ideia, uma vez que começa a haver maior visibilidade às condutas praticadas por jovens de classes altas, mesmo as estatísticas continuando a mostrar que estes fenómenos são constituídos por jovens pobres e/ou pertencentes a minorias étnicas. As estatísticas e os media ajudam a consolidar a imagem e as representações sobre os jovens delinquentes na nossa sociedade, existindo ainda (in)visibilidades sobre certos atores sociais que são mascaradas pelas elites do poder (Duarte & Gomes, 2015). As narrativas sobre quem comete crimes desenvolvem-se em torno de jovens pobres, de determinadas etnias ou minorias, contudo, os media já vão dando conta de notícias que englobam outros atores sociais. Tomemos como exemplos: o caso de cinco jovens, de boas famílias de Cascais, alguns familiares de magistrados que tentaram matar um jovem de 18 anos; e ainda um caso mais recente, onde dois jovens filhos do embaixador do Iraque, em Portugal, agrediram violentamente um jovem de 15 anos, provocando-lhe graves danos físicos e psicológicos.

⁸ Cicourel (1968, citado por Giddens, 2009) estudou casos de jovens que eram detidos, englobados em classes pobres e classes ricas. Constatou que um jovem de classe baixa quando detido, os polícias consideravam que era devido à falta de educação em casa e então deixavam-nos presos, do lado aposto, quando um jovem de classe rica era detido os polícias era em grande parte entregue aos pais, pois acreditavam que os pais iriam administrar uma maior disciplina. Como se conclui, esta situação contribui para a maior categorização dos jovens de classes baixas como jovens delinquentes.

Começa-se a assistir a uma procura intensa sobre as invisibilidades existentes na nossa sociedade, sobre o que se tenta camuflar. Os próprios jovens mostram que a delinquência existe em todos os grupos sociais (idem). Formiga (2003) aborda a questão de os jovens de classes altas serem destacados como representantes de comportamentos delinquentes. Carvalho (2010) expõe que a delinquência é um problema das sociedades atuais, globais e urbanas, mas vejamos através da figura 1 situações que podem ser tomados em conta como fator de influência de comportamentos nos jovens.



Figura 1- Fatores de risco na delinquência, sobre o olhar do modelo ecológico.

Fonte: Duarte, V. (2011).

Cada vez mais assistimos a atos violentos praticados tanto por jovens do sexo feminino como do género masculino, tomando por vezes proporções de elevada gravidade, “Provavelmente faz parte do repertório do jovem o desafio dos parões tradicionais da sociedade, pondo em evidência as normas da geração dos pais.” (Formiga & Gouveia, 2003, p.7).

Neste estudo, é utilizado um instrumento que prende-se pela procura de uma melhor compreensão sobre os comportamentos desviantes dos jovens, tendo em conta toda a referência social em torno desses. Este instrumento é o ECAD permite avaliar

comportamentos e permite visualizar um panorama que pretende fugir dos padrões criados pela sociedade (Formiga, 2003). Os comportamentos rotulados como antissociais contribuem para o desenrolar de mudanças sociais, sendo os jovens também promotores dessas modificações.

A adaptação do ECAD, criado por Seisdodos (1988) para o contexto português e não só, brasileiro também, auxilia na medição da delinquência juvenil. O uso do instrumento prende-se ainda pela pertinência em se diferenciarem comportamentos, tal como captar igualmente quais as condutas mais praticadas pelos jovens, se antissociais ou delitivas, e ainda dentro destes dois grupos quais os comportamentos específicos que também são mais efetuados.

Vários são os olhares sobre a delinquência juvenil e existe uma imensa dificuldade no estabelecimento de fronteiras quando abordados fatores de risco e o campo conceptual desta. Comprove-se através:

Os variados modelos teóricos e instrumentos de mensuração e avaliação da conduta antissocial que têm sido desenvolvidos (...) outros explicam as diferenças individuais no comportamento delinvente, tendo em conta a influência do contexto cultural e social mais amplo, do contexto comunitário e familiar mais próximo, das relações interpessoais e das variáveis pessoais (...) outros modelos ainda, procuram explicar as condutas agressivas e delitivas dos/as adolescentes e jovens através do seu sistema de crenças, atitudes e pensamento antissocial (...) (Formiga et al., 2015).

Salienta-se a questão de nem toda a delinquência ser uma situação permanente na vida dos jovens, tal como se verifica em Formiga et al. (2015).

A relação entre comportamentos desviantes juvenis e família tem sido muito estreita, como veremos no capítulo seguinte. Um dos fatores que mais tem sido apontado são os tipos de estilos parentais praticados no seio familiar, que tem auxiliado na compreensão sobre como estas práticas familiares podem influenciar de forma positiva ou negativa os comportamentos praticados pelos jovens. Segundo Hoeve et al. (2009) podemos encontrar quatro estilos: com autoridade, que refere-se a um grande controlo por parte dos pais aos seus filhos, existindo também um grande suporte e apoio aos mesmos; autoritários, em que há um grande controlo dos pais com os filhos, mas há um fraco apoio; liberais, em que este estilo parental retrata pais que efetivamente controlam pouco os seus filhos, mas fornecem-lhes um grande suporte familiar; negligente, retrata uma situação de ausência de apoio e controlo por parte dos pais para com os seus descendentes.

Cada sociedade e cultura fazem e têm as suas próprias regras e valores, veem de diferentes formas um ato que será correto ou incorreto. O que numa dada cultura será um

comportamento desviante, delinquente ou até mesmo antissocial em outra cultura poderá não o ser. Cada situação é situada mediante o contexto em que está inserida.

Os perigos das histórias únicas⁹ fazem-nos refletir sobre se o olhar que temos para com os jovens e o rótulo a eles associado será o mais correto. Os media, os políticos, as estatísticas e até mesmo os membros da elite da sociedade criam e desenvolvem histórias que são difíceis de desconstruir. A imagem criada por estes torna-se num fator tão enraizado que produz histórias únicas sobre determinados grupos na sociedade (Duarte & Gomes, 2015).

Os estereótipos associados aos jovens, muitas das vezes negativos, trazem outros tipos de ideologias e conceções para o centro da mesa. Tal como referia Pais (2003) os jovens são vistos como seres irresponsáveis e desinteressados, que carregam os seus próprios problemas sociais nesta fase da vida. Mais, se questionava se os jovens perceberiam todos os problemas e situações que lhes eram associados, se têm essa perceção. É necessário repensar estas questões, pois tal como referia Becker (2009) “os cientistas não questionam o rótulo desviante quando é aplicado a atos ou pessoas particulares, dando-o por certo” e “considerar que um jovem apresenta condutas anti-sociais e delitivas é fazer referencia ao seu comportamento transgressor” (Formiga, 2003, p. 134).

⁹ Expressão utilizada por Chimamanda Adichie em TED Ideas Worth Spreading.

CAPÍTULO 2. Relação entre família e comportamentos desviantes juvenis: estado da arte

Existem estudos consistentes sobre a relação entre família e comportamentos desviantes juvenis que carecem da nossa atenção (Hirshi, 1969; Loeber, Farrington & Petechuk, 2003; Fonseca Ed., 2002; Hoeve et al., 2008, 2009; Savignac, 2009; Farrington, 2011; Oliveira, 2015).

Destes não há expressão da forma como se debruçam sobre como os jovens atribuem significados à forma como a família e as suas dinâmicas possam contribuir ou não para o desenvolvimento de comportamento desviantes e delinquentes.

A família é vista como um fator de potencial risco para a delinquência juvenil, tornando-se assim fundamental entender até que ponto se pode considerar esta como sendo a principal resposta destes comportamentos (Ferreira, 1997). Aliás como demonstram Andrews & Bonta (2010), a disfuncionalidade familiar apesar de ser um fator de risco, terá um impacto moderado e deve ser analisado na interação face com outros fatores de risco.

A influência da família na vida dos jovens tem sido estudada em diversos aspetos, sobretudo por Pais (2003) (trabalha as ideias de Smith, 1985; West (n.d); Calvo, 1985). Aborda domínios como os da convivialidade juvenil como a permissividade que os pais dão aos seus filhos se transformam em manifestações de controlo, bem como a família pode ser uma barreira ou não à interação dos seus filhos com o meio exterior. São estudados factos como os jovens com comportamentos delinquentes não se conseguirem ajustar ao que é socialmente aceite e imposto, podendo ser esta uma incapacidade causada por más famílias e lares desfeitos. Mais, aborda as questões em que se associam os jovens a “um tempo de espera” estando aqui presente um grande sentido de irresponsabilidade, como se os jovens se fossem limitando a esperar pelo que o futuro reserva. No entanto, numa visão oposta a esta, existem autores que abordam a questão de espera como uma situação que não é levada ao pé da letra pelos jovens. Neste sentido, os jovens não se limitam a esperar pelo que o futuro lhes reserva, mas elaboram formas específicas de status ocupacional, levando-os a percecionar o mundo de forma diferente (idem).

Vários estudos demonstram a relação existente entre família e comportamento desviante juvenil. A família quando é disfuncional gera fatores de risco para os descendentes, afetando-os de diversas formas, sobretudo quando considerado o fator idade (Savignac, 2009). Estes fatores podem manifestar-se de diversas formas no dia-a-dia nos jovens, por exemplo:

in childhood the risk factors that have more of an impact are those that exist within the family; as children grow and become more integrated into their environment, risk factors related to peers, school, neighborhood and community play a more important part.¹⁰ (idem, p.3).

Perante isto, Savignac (2009) relacionou o fator idade a fatores de risco associados ao ambiente familiar, dividindo-os assim em 3 subcategorias, no caso: associados à dinâmica familiar e seu funcionamento¹¹; às características da família¹²; e à área de residência¹³.

Esta questão da área de residência carece ainda da atenção de outros autores, nomeadamente Carvalho (2010), sendo importante de salientar para o facto de as políticas territoriais que concentram problemas sociais poderem ser um fator determinante para o comportamento desviante dos jovens. Mais, esta autora no seu estudo, aborda as questões de instabilidade familiar bem como a probabilidade de os jovens reproduzirem os comportamentos que vivenciam nos seus seios familiares, “numa possível trajetória de vida modal” (Bourdieu, 1979 citado por Carvalho, 2004).

A delinquência na visão de outros autores como Tehrani & Mednick (2002) e McCord (2002) além de estar relacionada com estruturas dinâmicas e processos familiares, também ligada a fatores genéticos e hereditários. Estas perspetivas abordam os comportamentos delinquentes como uma transmissão genética de pais para filhos. Um jovem que tenha um pai ou uma mãe que pratiquem ou já tenham praticado crimes ou até mesmo exercido comportamentos delinquentes, os seus descendentes poderão ter mais predisposição para os mesmos comportamentos, tratando-se assim de uma herança genética. Vários autores corroboram com a ideia: no caso de pais que já tenham estado presos a probabilidade de vir a terem filhos criminosos é maior (Farrington, Gundry & West, 1975; Glueck & Glueck, 1950; Rowe & Farrington, 1997 citados em McCord, 2002). Mais se acrescenta o facto de Miles et al. (1997, citado por Born, 2005) na meta-análise que efetuou, onde relacionou os genes e o ambiente, num estudo realizado a

¹⁰ Tradução: Na infância os fatores de risco que têm mais impacto são aqueles que existem dentro da família. À medida que as crianças crescem e se tornam mais integradas ao seu ambiente, fatores de risco relacionados com os pais, a escola, o bairro e a comunidade desempenham um papel mais importante.

¹¹ Para a primeira subcategoria como fatores de risco de delinquência juvenil o autor dos 6 aos 17 anos e 18 anos ou mais insere pontos como: as práticas parentais pobres, violência familiar, criminalidade dos pais ou irmãos, sendo fatores comuns a todas as idades. No entanto, dos 6 aos 17 anos engloba ainda aspetos como: pais com atitudes que incentivem a violência, abuso físico ou negligente e pais com problemas de abuso de substâncias. Para as idades de 18 anos ou mais refere ainda a história de tratamento deficiente.

¹² No que concerne à segunda subcategoria para as idades entre os 6 e 12 anos, os fatores a considerar são: saúde mental dos pais, ser mãe jovem, família monoparental (questão abordada também por Laurent Mucchielli 2002), passado parental; dos 6 aos 17 existem fatores comuns como: a renda familiar instável, a casa destruída ou mobilidade familiar; e por fim dos 18 ou mais apenas a renda familiar instável pode ser um fator de risco para a delinquência.

¹³ Para a terceira e última subcategoria aqui os fatores a considerar para as idades dos 6 aos 17 é viver numa área pobre, mais dos 6 aos 12 considera-se ainda a presença de jovens infratores; dos 13 aos 17 anos considera-se também o crime existente na área, a presença de gangues juvenis e a disponibilidade de drogas e armas de fogo. Para as idades de 18 ou mais os fatores de risco são sobretudo a pobreza, o crime, os gangues juvenis e as drogas e armas de fogo.

gêmeos, concluiu que os efeitos genéticos prevalecem mais fortemente nos adultos, enquanto o ambiente familiar afeta mais as crianças e adolescentes para a prática de comportamentos delinquentes.

Na família surgem os primeiros comportamentos abusivos e há uma maior probabilidade de nestes contextos muitos destes comportamentos poderem ser aprendidos e reproduzidos pelas crianças ou jovens (Oliveira, 2015). Mais, segundo o estudo de Rakt, Ruiters, Graaf & Nieuwbeerta (2010) sobre a existência de relação entre o comportamento criminoso dos pais e comportamentos executados pelos descendentes, nos resultados obtidos abordam-se respostas como: a importância do número total de condenações dos pais, tendo influência direta nos comportamentos dos filhos; no ano em que o pai é condenado pode aumentar a probabilidade de o filho ser preso também, advindo daqui o fator da aprendizagem; e a frequência com que se está com o pai que comete crimes. Perante isto, o fator contato¹⁴ ou frequência de contato (idem) é um dos fatores que explica a transmissão do comportamento criminoso.

A família, em alguns estudos, é explorada como potenciadora de criminosos e incentivadora de comportamentos desviantes. Os autores Kury & Woessner (2002) analisaram o aumento da criminalidade e dos comportamentos desviantes, segundo aspetos que provocaram mudanças, nomeadamente o desemprego, a pobreza e desigualdade, entre outros. Neste ponto de vista o crime anda de mãos dadas com o que se desenvolve no meio social, visto que a abordagem destes aspetos evidencia que estes fatores podem ser situações potencializadoras de comportamentos desviantes, não sendo culpa ou de ordem direta da própria família. Outros fatores alheios, como a própria organização social e suas mudanças podem desencadear situações de risco no seio familiar. A provocação de destabilização familiar torna os meios vulneráveis e mais propícios ao desenvolvimento de condutas desviantes.

A monoparentalidade e o divórcio são outros pontos essenciais que são alvos de estudo, no que toca a fatores de risco para a delinquência juvenil. Salienta-se o trabalho realizado por Mucchielli (2002) onde refere que os fatores relacionais são mais determinantes que os fatores estruturais (idem). O divórcio provoca uma desinstitucionalização do casamento, provoca mudanças não só na família mas igualmente na própria sociedade¹⁵ e pode colocar em risco a própria existência de família, mais

¹⁴ Questão abordada em mais estudos, nomeadamente, em “The importance of family background and neighborhood effects as determinants of crime” (2016), em que Bureau of Justice Statistics mostra que uma pessoa que estava presa tinha algum familiar que também já tinha sido condenado, havendo semelhanças nos comportamentos entre elementos da mesma família.

¹⁵ Questão trabalhada por Rousset (1989 citado por Mucchielli, 2002) quando aborda a questão da desinstitucionalização do casamento como fator perda de cultura social, quando menciona “não há sociedades sem instituições”.

acabando por contribuir para a ausência de alguma das figuras essenciais, materna ou paterna. Por outro lado, se um dos pais for um criminoso, o afastamento dessa pessoa para com o seu filho pode diminuir os comportamentos delinquentes do mesmo Rakt, Ruiter, Graaf & Nieuwbeerta (2010). A estrutura familiar é ainda vista como influenciadora de consumos nos jovens. Esta provoca uma diferenciação na composição de família quando comparada com a família tradicional, podendo traduzir-se numa maior probabilidade de os jovens consumirem algum tipo de substâncias (Broman, Li & Recase, 2008, citados por Dias, 2015).

No que toca às práticas familiares o controlo por parte dos pais ajuda numa maior responsividade dos filhos, desenvolvendo a sua maturidade psicológica (Baumrind, 1991 e Broman et al, 2008, citados por Dias, 2015). Este controlo torna menor a probabilidade de comportamentos problemáticos nos jovens e o uso de substâncias, quando acompanhado de autonomização dada aos jovens “Ambos os fatores – autonomização e supervisão – necessitam, para que se observe este efeito protetor, de um contexto de suporte parental positivo” (Dishion, Li, Spracklen, Brown, & Haas, 1998, citados por Dias, 2015, p.8).

Numa meta-análise realizada por Hoeve et al. (2009) sobre práticas familiares e sua ligação à delinquência juvenil, apuraram-se dados que dão conta disto mesmo. Facto é que os modelos educativos estão presentes entre as variáveis de análise e o estilo autoritário foi um dos que menos impacto teve na vida dos jovens, contrariamente à componente do controlo psicológico, sendo a que mais impacto gerou nos jovens para delinquirem.

Os elementos temperamentais e cognitivos das crianças e jovens são fundamentais para se compreender a tendência que estes têm para a prática de comportamentos antissociais, seja de forma continuada¹⁶ ou descontinuada¹⁷. Segundo esta ideia dos autores (Moffitt, 1993; Lahey & Waldman citados por Hoeve et al., 2008), as crianças que tendem a ser mais complicadas, dificultam a educação administrada pelos seus pais, iniciando-se a delinquência no início da adolescência prosseguindo até à idade adulta. Noutra ponta de vista, as crianças que são consideradas saudáveis estão mais propensas a desenvolver comportamentos delinquentes sérios¹⁸. Por fim, as crianças denominadas com perfis de risco baixo, tendem a absterem-se completamente da delinquência.

No seguimento, dos modelos educativos, torna-se essencial trazer para a discussão o modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson que tem como objetivo

¹⁶ Lahey & Waldman citados por Hoeve, et al. (2008) em “Trajectories of Delinquency and Parenting Styles”.

¹⁷ Moffitt (1993) citado por Hoeve, et al. (2008) em “Trajectories of Delinquency and Parenting Styles”.

¹⁸ Essas crianças tendem a mostrar trajetórias delinquentes menores, não agressivas, que atingem o pico na adolescência, refletindo seu desejo de expressar autonomia em relação ao controle dos pais (Moffitt, 1993 citado por Hoeve et al., 2008).

avaliar os modelos educativos executados pelos pais, numa ótica de se perceberem as práticas que mais e menos afetam os jovens (Machado, 2008). Com o uso deste modelo, recorre-se a factos como quanto mais a família apresentar determinadas características, como falta de coesão, flexibilidade ou comunicação mais os jovens apresentam determinadas condutas desviantes.

No caso da coesão esta é definida como a ligação emocional entre os elementos do agregado familiar, se a família tiver níveis de coesão extremamente altos ou extremamente baixos, a longo prazo pode afetar as relações, no sentido de não provocarem um equilíbrio na família (Olson, 1999; Born, 2005). Para a flexibilidade/adaptabilidade tem igualmente que existir um equilíbrio, nem ser demasiado elevada nem baixa. Esta é a dimensão ligada às regras, relacionamentos e à capacidade de mudança e se não existir esse equilíbrio haverá um empobrecimento dos papéis desempenhados na família (Born, 2005), colocando a família numa situação de confronto e fragilidade. Por fim, no que respeita à comunicação, esta é transversal às dimensões anteriores. Caso a comunicação entre os elementos da família seja difícil, irá colocar em causa o entendimento referente às dimensões anteriores (Olson, 1999). Se por exemplo pai e filho têm sérias dificuldades em se ouvirem, dificilmente chegarão a um consenso sobre os assuntos discutidos no seio familiar. A comunicação privilegia assim a escuta ativa.

O vínculo, estudado por Hirshi (1969), retrata a questão do apego dos jovens com as questões das normas existentes na sociedade. Segundo este autor

delinquency will be low in families with strong affective ties, because juveniles who are strongly attached to their parents are more likely to care about the normative expectations of their parents, which protects against delinquent impulses. The quality of attachment functions as an indirect parental control: conventional behavior of the child is achieved as a by-product of strong child-parent attachments¹⁹ (Hirshi, 1969, citado por Hoeve, et al., 2012, p.1).

Ainda numa ótica de vinculação, existe uma importante questão estudada no que toca à família-delinquência juvenil. A vulnerabilidade da posição social²⁰ pode ser um fator de risco para os jovens no que toca à prática de comportamentos delinquentes.

As famílias que se encontram numa situação de vulnerabilidade quanto à sua posição na sociedade, por norma encorajam os seus filhos a terem bons comportamentos, imitando as ditas classes médias (Walgrave, 1992, citado por Born, 2005). Apesar deste encorajamento, os recursos existentes na família no que toca a socialização são pouco

¹⁹ Tradução: A delinquência será baixa em famílias com fortes laços afetivos, porque os jovens que estão fortemente ligados aos seus pais estão mais propensos a preocupar-se com as expectativas normativas dos seus pais, que protege contra impulsos delinquentes. A qualidade do apego funciona como um controle parental indireto: o comportamento convencional da criança é conseguido como um subproduto dos fortes vínculos entre pais e filhos.

²⁰ Expressão utilizada por Walgrave (1992, citado por Born, 2005).

estruturantes o que condiciona o relacionamento das crianças e jovens em outros meios de socialização. Perante isto “por meio de técnicas psicossociais de neutralização e de desvalorização das exigências de conformidade, conseguem revalorizar-se a si próprios e justificar, ais seus próprios olhos, a sua atividade delincente” (Born, 2005, p.88).

Sheldon & Eleanor Glueck (1939, 1950 citados por Born, 2005) destacaram-se na sua obra “Unraveling Juvenile Delinquency”, ao relacionarem a família com a delinquência. Do seu estudo resultaram pontos relevantes para uma melhor perceção sobre a relação entre estes dois fatores. Perante isto, resultaram pontos como: a estabilidade de residência; a qualidade do habitat; a situação económica; a composição da família; características comportamentais; qualidade de vida; relações familiares; e a disciplina. Com estas categorias, percebe-se como cada uma destas pode ou não ter influência na delinquência, podendo-se explicar ou compreender esta através de por exemplo: a constante mudança de casa, a dependência financeira, sinais patológicos, a inexistência de afetividade da família ou a supervisão executada pelos pais.

Existe um aglomerado número de contributos quando se fala de família e sua influência, direta ou indireta, na produção ou reprodução de comportamentos delinquentes por parte dos jovens. São estes que nos dão a indicação de como existem imensos fatores que têm influência sobre os jovens e suas condutas, sendo a família um dos principais fatores ligados a este facto.

A família apesar de contribuir para as condutas praticadas pelos jovens, quer sejam corretas ou incorretas, podem não ter diretamente influencia nas mesmas, uma vez que existem questões e situações que afetam a família que estão para além do seu domínio. A família é o primeiro agente socializar das crianças e jovens, mas existe outro tipo de socialização que começa a influencia-los, socialização secundária. Esta vai expor os jovens a uma influência relacionada com as relações e ações, fugindo assim fora do domínio da família (Ferreira, 1997).

CAPÍTULO 3. Metodologia

A família apesar de ser relacionada às práticas de comportamentos desviantes dos jovens, continua a ter um papel fundamental na educação das crianças e jovens “o funcionamento adequado da família ajuda a inibir os impulsos desviantes” (Ferreira, 1997, p. 920). Torna-se assim necessário obter novas informações e percepções que possam auxiliar no desenvolvimento de mais conhecimentos sobre a relação entre família e comportamentos desviantes. Apesar de esta temática ter vindo a ser intensamente estudada, nomeadamente pela sociologia da família como se pode verificar nos capítulos anteriores, há que explorar novos olhares e significados sobre pontos considerados fundamentais. O debruçar sobre a percepção dos jovens permite-nos alcançar novas opiniões, uma vez que são parte integrante das famílias e estamos a dar voz a atores sociais que estão englobados nesta problemática.

Para o estudo sobre juventude, família e comportamentos desviantes foi traçado um caminho que visa recolher informação junto de jovens que frequentem o ensino secundário, em escolas profissionais. Uma das questões que deu origem a este estudo foi perceber como os jovens percecionam uma possível ligação entre a influência de a família nos comportamentos desviantes dos jovens. Para conseguir recolher dados e informação sobre esta temática, optou-se por dois caminhos metodológicos que se complementam, o uso de métodos quantitativos e qualitativos. Esta opção procura responder aos grandes objetivos deste estudo, que se explicará de seguida.

3.1. Objetivos do estudo

Como ponto de partida para a elaboração deste estudo, houve algumas questões teóricas e orientadoras que desencadearam todo este trabalho, nomeadamente quais são os comportamentos mais praticados pelos jovens e se os jovens consideram a família como fator de afeta os comportamentos dos filhos. Estas questões vão de encontro ao objetivo geral estabelecido: Compreender o papel da família no desenvolvimento do comportamento desviante dos jovens.

Com fim a operacionalizar o principal objetivo, foram desenvolvidos objetivos específicos:

1. Caracterizar os principais comportamentos desviantes dos alunos, percebendo se há diferenças de género e de idade;

2. Perceber a relação entre a existência de problemas na família e as condutas desviantes dos jovens;
3. Perceber a relação entre práticas familiares (dis)funcionais e os comportamentos desviantes (percecionados e praticados) dos jovens;
4. Explorar as perspetivas dos jovens sobre comportamentos desviantes e dinâmicas familiares.

3.2. Escolha metodológica

Assumindo ambos os métodos, quantitativos e qualitativo, como pertinentes para a compreensão na temática alvo do estudo, há que referir que a posição escolhida para desenvolver cada um deles advém de uma estratégia para melhor captar um olhar juvenil sobre a problemática em causa.

Para a concretização de todos os objetivos, o método de trabalho foi dividido em duas fases, na primeira fase privilegiaram-se os métodos mais quantitativos, com o propósito de responder aos primeiros três objetivos: caracterizar os principais comportamentos desviantes dos alunos, percebendo se há diferenças de género e de idade; perceber a relação entre a existência de problemas na família e as condutas desviantes dos jovens; e perceber a relação entre práticas familiares (dis)funcionais e os comportamentos desviantes (percecionados e praticados) dos jovens. Na primeira fase, as técnicas usadas foram os inquéritos por questionário (questionário sociodemográfico, de caracterização de perceções e práticas familiares e o EAD) e na segunda fase foram realizados grupos focais.

Os métodos quantitativos caracterizam-se pelo facto de manterem o distanciamento com a população da amostra (Coutinho, 2016), sendo um método considerado relevante para fazer comparações, em que a investigação é guiada pela teoria. Permite que se apliquem testes válidos, centrando-se em questões de objetividade, buscando o aumento de conhecimento (Bisquerra, 1989 et al., citados por Coutinho, 2016).

Numa segunda fase, usou-se o método qualitativo que teve como função complementar a primeira fase. Este método caracteriza-se por uma maior proximidade entre o investigador e os participantes:

O interesse está mais no conteúdo do que no procedimento, razão pela qual a metodologia é determinada pela problemática em estudo, em que a generalização é substituída pela particularização, a relação causal e linear pela relação contextual complexa, os resultados inquestionáveis pelos resultados questionáveis, a observação sistemática pela observação experiencial ou participante. A questionabilidade dos resultados impõe-se porque mais do que o estudo de grandes amostras interessa o estudo de casos, de sujeitos que agem em situações, pois os significados que

compartilham são significados-em-ações (Pacheco, 1993, p.28, citado por Coutinho, 2016, p.29).

Esta escolha pretende dar resposta ao último objetivo estabelecido: explorar as perspetivas dos jovens sobre comportamentos desviantes e dinâmicas familiares. Os significados atribuídos pelos jovens variam, sobretudo quando o registo da sua história de vida é marcante e determinante para como vivem e vêm determinadas situações, tal como refere Denzin, 1989 (citado por Duarte, 2011) “as histórias movimentam-se para fora das próprias pessoas”.

Com este uso duplo da metodologia quantitativa e qualitativa, pretende-se uma investigação mais completa, uma vez que cada método tem as suas carências. Aqui não era apenas só relevante a recolha de dados, igualmente se tornou fundamental a discussão desses dados com os jovens da população da amostra, para assim partir à busca de padrões e aprofundamentos de questões.

3.3. Métodos e Técnicas de recolha de dados

Com o uso do método quantitativo e qualitativo, foram necessárias aplicar técnicas de recolha de dados diferenciadas para cada um dos métodos.

Para a primeira fase e assim no que concerne ao método quantitativo, as técnicas estabelecidas refletem-se em inquéritos sociais, composto por dois tipos de questionários: a Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD), versão portuguesa validada (Duarte & Neves, 2012; Formiga et al., 2015), e um questionário de caracterização sociodemográfica, familiar e de perceções, construído para esta investigação. Relativamente à segunda fase e assim correspondente ao método qualitativo, a técnica estabelecida foram os grupos focais, com um guião também igualmente criado para esta investigação.

No método quantitativo, a técnica dos inquéritos sociais consistem em escolher uma amostra representativa da população, recolhendo opiniões, mas sobretudo verificando hipóteses teóricas e suas correlações (Quivy & Campenhoudt, 2005).

O uso de inquéritos é uma técnica de recolha de dados mais rápido, agrupando toda a informação necessária até então, e portanto, a aplicação do questionário sociodemográfico, de caracterização de perceções e práticas familiares prende-se neste sentido. Mais se acrescenta que auxilia na obtenção de informação permitindo ter uma perceção sobre que tipo de famílias estão presentes na amostra, bem como aspetos que evidenciem como estas mesmas funcionam. Contudo, os jovens para além das suas

famílias também são o centro da questão, e neste questionário são igualmente captadas as suas percepções.

No ECAD, os jovens participantes tiveram de indicar numa escala de Likert de 0 a 9 (0-Nunca e 9-Sempre), a frequência com que executavam cada um dos comportamentos expressos. A escala é composta por 40 indicadores, que estão distribuídos por duas condutas, antissociais e delitivas. Assim, existem 20 itens que correspondem às condutas antissociais e 20 que correspondem às condutas delitivas. Este instrumento é um medidor de condutas, em que como condutas antissociais existem itens como: dizer palavrões ou expressões grosseiras, comer em locais proibidos o até mesmo sujar as ruas. Por outro lado, nas condutas delitivas temos exemplos como: pertencer a uma turma que arma confusões, consumirem drogas e roubar coisas de lugares públicos.

Para a fase 2, e assim recorrendo ao método qualitativo consegue-se um aprofundamento da temática a ser estudada, como nomeadamente a percepção de significados sobre os dados previamente recolhidos. São assim informações conseguidas que não estão expostas nos resultados obtidos nos métodos quantitativos. Assim, para a recolha de dados, a técnica a ser usada serão os grupos focais.

Os grupos focais são “uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio de interações grupais ao se discutir um tópico especial” (Morgan, 1997, citado por Gondim, 2003, p. 151). Estes são considerados como uma entrevista a um determinado número de sujeitos, ao mesmo tempo, englobando ainda a observação (Teddlie & Tashakorri, 2009 citado por Coutinho, 2016). Esta técnica de recolha de dados visa responder a objetivos muito específicos, colocando perguntas a todo o grupo sobre as questões que se visa aprofundar.

Nesta fase, existiram algumas questões centrais das quais deram origem aos grupos focais. Ao analisar os resultados obtidos através da fase 1, surgiram algumas perguntas que fariam todo o sentido em serem aprofundadas e que deram orientação para a elaboração do guião. A questão dos consumos dos jovens, apesar de não ser diretamente o foco da minha investigação, tornou-se essencial explorar esta questão para perceber até que ponto os consumos influenciam os comportamentos dos jovens. Mais questões se prenderam com o facto da influência da família, educação dada pelos pais, decisões importantes tomadas no seio familiar e ainda o que influencia os jovens a terem ou não condutas desviantes.

Os grupos focais ajudaram a vincar alguns sentidos e significados através da percepção dos jovens sobre determinados assuntos e temáticas, tendo-se tornado também um espaço de partilha de experiências e vivências pessoais.

3.4. Entrada no terreno, procedimentos, roteiro ético e amostra

O estudo desenvolveu-se em duas escolas profissionais da região do Vale do Ave. A escolha por estas escolas seguiu alguns critérios de seleção e expressam, também, as dinâmicas e dificuldades da própria investigação. Um primeiro critério prendeu-se com a proximidade geográfica para a investigadora. Um segundo critério foi o intento inicial da investigadora de fazer um estudo comparativo entre escolas profissionais e escolas públicas. Foi feito um pedido formal para o Ministério da Educação com o objetivo de desenvolver a minha investigação em escolas públicas, mas nenhuma resposta chegou. Igualmente fez-se várias tentativas de chegar até à diretora da escola secundária em vista, sempre sem sucesso, tendo por fim respondido que a escola não estaria disposta a participar no estudo. Pretendia-se que fosse comparativo para desconstruir a ideia, que abarca o senso comum, que os alunos de escolas profissionais são jovens que não querem levar a sério os estudos, apresentam mais dificuldades e comportamentos desafiantes, não obstante apresentam maior taxa de inserção profissional²¹ (Escolas Profissionais).

As escolas profissionais são uma alternativa criada para que os jovens possam acabar os seus estudos ou se qualificarem em determinadas áreas que sejam pretendidas. Estas oferecem o ensino profissional que vai dar equivalência ao 12º ano, o ensino vocacional que dá equivalência ao 9º ano e ainda podem proporcionar cursos de especialização tecnológica. Os alunos que escolham a opção de ensino profissional têm igualmente acesso ao mercado de trabalho, bem como pode ingressar no ensino superior, tal como no ensino público regular normal.

A fim de realizar o meu trabalho de campo em escolas profissionais, num primeiro momento, foram enviados, pela Universidade do Minho, primeiramente, por via formal foi enviado pela universidade os ofícios com o pedido de autorização para as escolas em que era pretendido fazer a investigação. Posteriormente, a investigadora efetuou contactos presenciais com os diretores das escolas, com fim para explicar todo o trabalho que se pretendia ser feito e assim solicitar as suas autorizações.

²¹De acordo com dados de 2013, seis meses após o término dos seus cursos, mais de 70% dos alunos das Escolas Profissionais estavam empregados, contra 29% dos alunos dos cursos gerais. Estes dados encontram-se disponíveis no site: Escolas Profissionais.pt.

Considerando que os participantes deste estudo seriam alunos de escolas profissionais, os critérios de seleção para a primeira fase da investigação foram os seguintes:

- i. frequentar o ensino profissional (cursos de nível IV);
- ii. diversidade de género (ter rapazes e raparigas na amostra);
- iii. No caso dos menores de idade ter o consentimento informado assinados pelos encarregados de educação ou similares.

No que diz respeito à segunda fase, os critérios de seleção foram:

- i. frequentar o ensino profissional (cursos de nível IV); género (ter rapazes e raparigas na amostra);
- ii. ter mais de 18 anos.

O resultado desta seriação foi a seguinte. Numa das escolas, foram selecionadas duas turmas por cada ano. Na outra escola, a população participante teve mais limitações, uma vez que muitos dos estudantes estavam em contexto de estágio. Nas restantes turmas que se encontravam na escola, não foi possível fazer uma seleção maior, para não criar mais constrangimentos de interrupção de aulas. Este foi um dos grandes desafios do estudo ter que escolher uma amostra que fosse representativa, sem interferir demasiado com o bom funcionamento da escola.

Género	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Escola 1	20	11,2	41	22,9	61	34,1
Escola 2	76	42,4	42	23,5	118	65,9
Total	96	53,6	83	46,4	179	100

Tabela 1- Jovens participantes no estudo, primeira fase.

Apesar da entrada no terreno não obedecer ao que tinha sido previamente definido em questões de tempo, logo que conseguida a autorização por parte dos diretores, foram entregues nas respetivas direções os consentimentos para os jovens levarem para casa, para serem assinados pelos seus encarregados de educação. Imediatamente após a recolha de todos os consentimentos foram negociadas datas para a aplicação dos inquéritos por questionário. Estes foram realizados nas instalações das escolas, em contexto de sala de aula. Aos alunos também foram explicados os inquéritos e as suas finalidades. Quando

surgiram dúvidas foram imediatamente esclarecidas pela investigadora que esteve sempre em sala.

Na primeira fase, foram aplicados os inquéritos sociais, o ECAD e o questionário sociodemográfico, de caracterização familiar e de percepções. Estes dois instrumentos foram passados ao mesmo tempo e duraram cerca de 40 minutos em cada turma. Na recolha, a investigadora teve o cuidado de associar os dois questionários um ao outro, para assim se conseguir analisar de forma mais completa e concisa.

Após concluída a primeira fase da aplicação dos inquéritos, foi negociada a data para a implementação da segunda fase do projeto e marcada uma data para a aplicação dos grupos focais. Nesta marcação a investigadora teve de aguardar que o período de testes e de férias terminasse, para assim prosseguir para a segunda fase. Os dados recolhidos pelos questionários foram trabalhados e analisados e serviram para criar o guião do grupo focal a fim de concretizar a segunda fase. Esta segunda fase versou sobre explorar algumas questões que pontuaram mais nos questionários, bem como para esclarecer algumas questões que tinham deixado algumas dúvidas.

Os grupos focais realizaram-se igualmente nas instalações das escolas, contudo, numa sala anteriormente preparada e direcionada para o grupo a receber. Foram realizados dois grupos focais, compostos por 8 jovens cada. Um dos grupos foi composto por 4 raparigas e 4 rapazes e o segundo por 6 raparigas e 2 rapazes, todos maiores de idade. Foram explicadas as razões do uso desta técnica e foram informados e deram as suas autorizações no que corresponde à gravação durante o decorrer do encontro. Depois de conseguida as informações, estas foram transcritas e assim analisadas na sua totalidade, com vista a seguir algumas questões específicas, já estabelecidas no guião, que eram necessárias explorar aquando da obtenção dos resultados e da análise dos inquéritos sociais. Para esta fase, o tempo de duração médio dos grupos focais foi de 50 minutos.

Numa primeira fase, podemos constatar através da tabela 1 que houve mais participantes do sexo masculino quando comparado com o sexo feminino (53,6% contra 46,4%), nesta fase as idades dos participantes estiveram entre os 15 e 21 anos. Por outro lado, na segunda fase, os participantes foram maioritariamente raparigas (com valores de cerca de 62,5%), respeitando um dos critérios de seleção, todos os jovens nesta fase tinham mais de 18 anos.

II PARTE- ANÁLISE EMPÍRICA

4. Capítulo 4. Compreender o papel da família nos comportamentos dos jovens

4.1. Caracterização da população participante

A caracterização da amostra é um importante ponto a ser abordado, uma vez que conseguimos analisar as idades dos participantes, género, local onde vivem, questões familiares e habitacionais.

Como nos mostram as tabelas 2 e 3, perante a amostra de 179 jovens, conseguimos observar que existem diferenciações quando comparamos elementos do sexo feminino com elementos do sexo masculino. Existem algumas diferenças quando olhamos para o número de participantes de cada género, em que apesar de não ser uma diferença bastante significativa devemos tê-la em atenção (rapazes 53,6%; raparigas 46,4%).

Em relação à categoria idade, observamos que os participantes têm idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, contudo, são as idades dos 16 aos 18 que estão maioritariamente representadas. Quando se cruzam a idade e o género, observamos que as idades das raparigas se concentram nos 16 anos (33,7%) e a dos rapazes nos 17 anos (38,5%).

Para as questões habitacionais e familiares, também foram analisados os dados fornecidos sobre tais temas, e, perante isto, podemos afirmar que os participantes do estudo vivem maioritariamente em freguesias (72,1%) e têm residência própria (65,2%).

Quanto à situação dos pais dos jovens participantes no estudo, verificamos que grande parte têm os seus pais casados (72,5%), porém, existe outro grupo de jovens que têm os pais divorciados (14,6%). Ainda sobre a família, foi criada uma categoria para a caracterização sociodemográfica que se prende ao facto de haver uma necessidade de categorizar cada tipo de família. Assim, observamos que os jovens vivem maioritariamente numa família nuclear ou simples (74,0%), embora ainda haja um grupo substancial de jovens que vivem em famílias monoparentais (13,4%).

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Género	96	53,6	83	46,4	179	100
Idade						
15	5	5,2	5	6,0	10	5,6
16	21	21,9	28	33,7	49	27,4
17	37	38,5	22	26,5	59	33,0
18	19	19,8	17	20,5	36	20,1
19	10	10,4	9	10,8	19	10,6
20	3	3,1	1	1,2	4	2,2
21	1	1,0	1	1,2	2	1,1
Local onde vivem						
Cidade	17	17,7	20	24,1	37	20,7
Freguesia	72	75,0	57	68,7	129	72,1
Bairro	0	0,0	2	2,4	2	1,1
Vila	6	6,3	3	3,6	9	5,0
Sem resposta	1	1,0	1	1,2	2	1,1
Situação de residência						
Alugada	33	34,4	28	34,1	61	34,3
Própria	63	65,6	53	64,6	116	65,2
Outra	0	0,0	1	1,2	1	0,6
Sem resposta	-	-	-	-	1	0,6
Situação dos pais						
Casados	70	72,9	59	72,0	129	72,5
Separados de facto	2	2,1	3	3,7	5	2,8
União de facto	1	1,0	4	4,9	5	2,8
Divorciado(s)	16	16,7	10	12,2	26	14,6
Viúvo(a)	7	7,3	6	7,3	13	7,3
Sem resposta	-	-	-	-	1	0,6
Tipo de família						
Nuclear ou Simples	71	76,0	59	72,0	130	74,0
Alargada ou Extensa	3	3,1	8	8,4	11	5,8
Reconstruída	4	4,2	3	3,7	7	3,9
Monoparental	14	14,6	10	12,2	24	13,4
Dança a Dois ²²	2	2,1	3	3,7	5	2,9

Tabela 2- Caraterização sociodemográfica.

No que respeita à tabela 3, esta é uma representação do agregado familiar de cada jovem, embora não estejam disponíveis todas as informações para cada categoria (ex:

²² Família constituída por familiares (de sangue ou não) sem relação conjugal ou parental (ex: avó e neto, tia e sobrinha, irmãos, primos, cunhados,...) (Caniço et al, 2010).

alguns jovens sabiam as idades e profissões dos pais, mas não sabiam habilitações, etc).

A partir da tabela, podemos verificar que dos 179 jovens participantes no estudo, 94% (N=169) têm a mãe no seu agregado familiar e 80% (N=144) têm o pai. Em relação a outros elementos pertencentes ao agregado, os jovens mencionam ainda que 80% são irmãos (N=144) e 20% são avós, tios, primos, padrinhos ou padrasto (N=36).

Quanto às habilitações dos familiares, podemos observar que os pais apresentam baixa escolaridade, uma vez que estão maioritariamente representados no 2º Ciclo (mãe- 38%; pai- 33%). Verificamos ainda que efetivamente são poucos os que mais escolaridade, quando olhamos para as categorias do ensino secundário (mãe-15%; pai-14%) e do ensino superior (mãe- 0,6%; pai-1,5%).

No que respeita às profissões atuais dos elementos dos agregados familiares, estas foram categorizadas através das informações fornecidas pelos jovens. Com isto, verificamos que grande parte dos pais dos jovens são operários, artífices e trabalhadores similares (mãe- 44%; pai-54%). Existe ainda um grupo de jovens que tem a mãe desempregada (18%).

	Mãe		Pai		Irmãos		Outros ²³		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Elementos da família	169	34,7	138	28,34	144	29,57	36	7,39	487	100
Idades familiares										
Menos 10 anos	-	-	-	-	40	27,78	-	-	40	8,21
11-20 anos	-	-	-	-	54	37,5	3	8,33	57	11,71
21-30	-	-	-	-	23	15,97	1	2,78	24	4,93
31-40	36	21,30	16	11,6	18	12,5	5	13,89	75	15,40
41-50	108	63,91	98	71,01	-	-	4	11,11	210	43,12
51-60	8	4,73	20	14,5	-	-	2	5,56	30	6,16
Mais de 60	-	-	3	2,17	9	6,25	17	47,22	29	5,95
Sem resposta	17	10,06	1	0,72	-	-	4	11,11	22	4,52
Habilitações dos familiares										
Creche/Infantário	-	-	-	-	7	4,87	-	-	7	1,44
1º Ciclo Completo e a frequentar	41	24,26	36	26,09	27	18,75	13	36,11	117	24,02
2º Ciclo Completo e a frequentar	65	38,47	46	33,33	16	11,11	3	8,33	130	26,69
3º Ciclo Completo e a frequentar	29	17,16	29	21,01	39	27,08	10	27,78	107	21,97
Ensino Secundário (In) Completo	26	15,38	19	13,77	37	25,69	8	22,22	90	18,48
Ensino Superior	1	0,59	2	1,45	1	0,69	2	5,56	6	1,23
Sem resposta	7	4,14	6	4,35	17	11,81	-	-	30	6,17
Profissão atual										
Estudante	-	-	-	-	75	52,08	5	13,89	80	16,43
Dirigentes	3	1,78	7	5,07	1	0,69	-	-	11	2,26
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	2	1,18	3	2,17	-	-	-	-	5	1,03
Técnicos e profissionais de nível intermédio	-	-	5	3,62	2	1,39	1	2,78	8	1,64
Pessoal administrativo e similares	10	5,92	5	3,62	5	3,47	-	-	20	4,11
Pessoal dos serviços e vendedores	14	8,28	13	9,42	8	5,56	-	-	35	7,19
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	-	-	4	2,9	-	-	-	-	4	0,82
Operários, artífices e trabalhadores similares	74	43,79	75	54,35	14	9,72	2	5,56	165	33,88
Reformado(a)	4	2,37	4	2,9	-	-	13	36,11	21	4,30
Desempregado(a)	30	17,76	12	8,7	4	2,78	2	5,55	48	9,85
Doméstica	16	9,46	-	-	-	-	-	-	16	3,29
Sem resposta	16	9,46	10	7,25	35	24,31	13	36,11	74	15,2

Tabela 3-Caraterização sociodemográfica (continuação).

²³ Avós, padrasto, primos, padrinhos, tios.

4.2. Caracterizar os principais comportamentos desviantes dos alunos, percebendo se há diferenças de género e de idade

4.2.1. As principais condutas dos jovens

Para analisar as condutas dos jovens da amostra, foram calculados o Alpha de Cronbach (α) e correlações de Pearson (r). Perante o uso do ECAD, medidor de comportamentos, obteve-se uma consistência interna para ambas as dimensões, condutas antissociais e delitivas.

Ao analisar a amostra, foram determinados valores para as subescalas relativas aos comportamentos antissociais e delitivos, bem como para a escala resultante das duas subescalas anteriores: comportamentos desviantes. Para a subescala de condutas antissociais encontrou-se um α de 0,89 e para a de condutas delitivas o α encontrado foi de 0,72. Para a escala global de comportamentos desviantes obteve-se um α de 0,90.

Para se conseguir uma maior precisão sobre o estudo, foi ainda calculada uma correlação de Pearson, para assim se compreender melhor as relações internas existentes entre as condutas. As correlações conseguidas expõem valores correlacionais superiores a 0,50 o que assegura o seu uso (Levin, 1987; Tabachnick & Fidel, 1996 citados em Formiga, 2003).

	α	CAS	CD	CAD
Condutas Antissociais	0,89	-		
Condutas Delitivas	0,72	0,68***	-	
Condutas Desviantes	0,90	0,97***	0,84***	-

Tabela 4- Correlações entre condutas antissociais e delitivas da amostra.

*** $P < 0,001$

Quando confrontados os resultados obtidos na tabela com os dos estudos efetuados por Formiga (2003), os valores da amostra apresentam ainda maior consistência interna, uma vez que as correlações entre fatores de condutas antissociais e delitivas e a amostra apresentam maiores valores que os do autor (amostras 1 e 2 do autor- 0,64; amostra para a tabela 4- 0,68).

O ECAD dá-nos informação sobre quais as condutas mais praticadas pelos jovens sejam elas antissociais ou delitivas. Sendo assim, foram analisados os comportamentos dos jovens participantes no estudo.

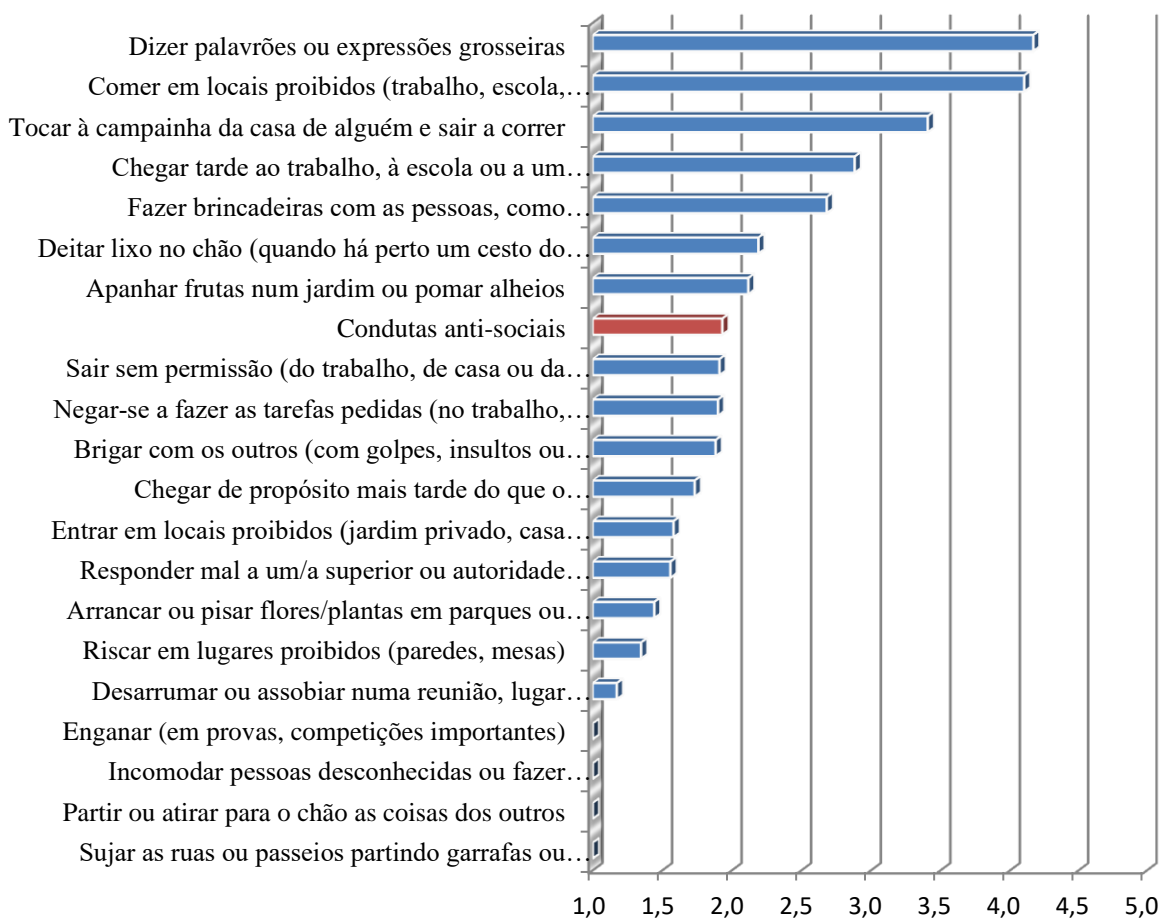


Gráfico 1-Condutas Antissociais.

Nota: No EAD usa-se uma escala de Likert 0 a 9, em que 0 representa Nunca e 9 Sempre.

Como mostra o gráfico 1, nem todas as condutas antissociais são praticadas de igual modo pelos jovens. O valor médio das condutas antissociais regista-se nos 1,92, numa escala de 0 a 9.

Algumas condutas destacam-se, quer seja por serem pouco realizadas quer seja por serem as mais praticadas. As condutas antissociais que registam valores acima da média são as que carecem de maior atenção, destacando-se três delas: dizer palavrões ou expressões grosseiras; comer em locais proibidos e tocar à campainha de casa de alguém (ambas com valores superiores a 4); e tocar à campainha da casa de alguém e sair a correr (com valores acima dos 3). Registam-se ainda outros comportamentos com valores superiores ao valor médio das condutas antissociais, como são os casos: chegar tarde à escola; fazer brincadeira com pessoas como empurra-las para o chão ou tirar a cadeira para se sentarem; deitar lixo para o chão; e por fim, apanhar frutas num jardim ou pomar alheios (registando valores acima do 2 e abaixo do 3).

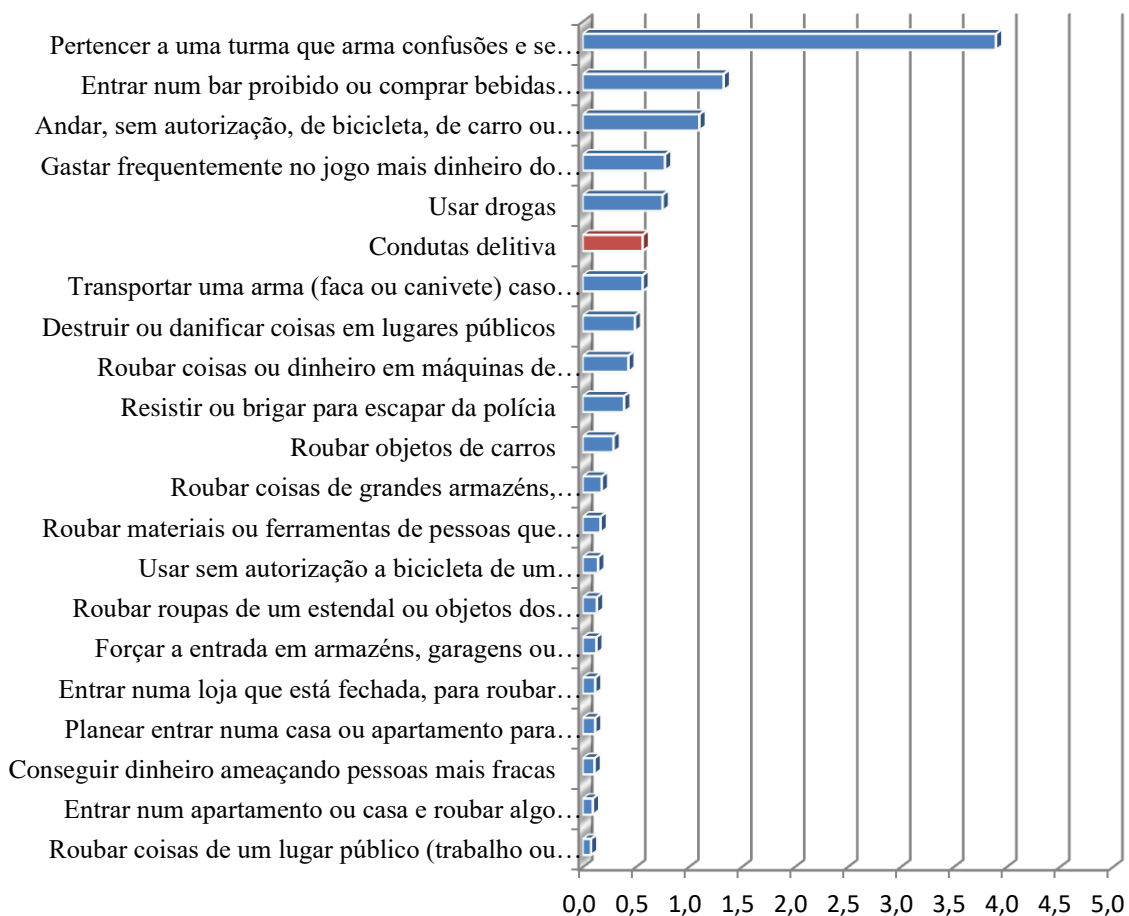


Gráfico 2-Conduitas Delitivas.

Nota: No EAD usa-se uma escala de Likert 0 a 9, em que 0 representa Nunca e 9 Sempre.

Como mostra o gráfico 2, também nem todas as condutas delitivas são praticadas de igual modo pelos jovens. O valor médio das condutas delitivas regista-se nos 0,5, numa escala de 0 a 9, o que nos permite constatar que as condutas delitivas são menos praticadas que as antissociais.

O comportamento delitivo mais praticado pelos jovens é o pertencer a uma turma que arma confusões (com um valor próximo de 4). Acima da média encontramos ainda outros quatro comportamentos, como é o caso de entrar em bares proibidos ou comprar bebidas proibidas, andar sem autorização de bicicleta de desconhecidos, gastar mais dinheiro do que se pode em jogo e ainda o usar drogas (com valores entre 0,5 e 1,3).

4.2.2. A questão do género

A tabela 5 mostra os níveis de comportamentos registados pelo grupo masculino e pelo grupo feminino para as duas subescalas e para a escala global, comparando-os através de um teste t de Student (comparação das médias de dois grupos).

	Masculino (N=96)		Feminino (N=83)		Teste t	
	M	DP	M	DP	T	P
CAS	2,17	1,46	1,64	1,24	2,60	,010
CD	0,73	0,74	0,36	0,39	4,16	<0,001
CAD	1,45	1,02	1,00	0,77	3,33	,001

Tabela 5- Diferença de género.

De acordo com os resultados apresentados, observamos diferenças significativas na forma como cada subgrupo percebe o fenómeno comportamentos/conduitas desviantes dos rapazes e das raparigas nas duas subescalas em análise: condutas antissociais ($p = 0,010$), condutas delitivas ($p < 0,001$); e na escala global: condutas desviantes ($p = 0,001$).

Entre rapazes e raparigas, é o grupo masculino que regista um maior nível de condutas antissociais (média masculina = 2,17 vs. média feminina = 1,64), delitivas (média masculina = 0,73 vs. média feminina = 0,36) e também desviantes (média masculina = 1,45 vs. média feminina = 1,00).

Em síntese, observa-se que em qualquer dos comportamentos analisados são os rapazes que mais transgridem, quer nos comportamentos antissociais, quer nos comportamentos delitivos ou, globalmente, nos comportamentos desviantes.

4.2.3. A questão idade

A tabela 6 mostra os níveis de condutas registados pela idade dos elementos masculino e feminino para as duas subescalas e para a escala global, comparando-as através de um teste Anova (comparação das médias dos quatro grupos de idades considerados).

	15 e 16		17		18		19 e 20		Teste Anova	
	(N=59)		(N=59)		(N=36)		(N=23)		F	P
	M	D	M	D	M	D	M	D		
CAS	1,66	1,31	2,20	1,55	1,89	1,19	2,01	1,40	1,55	,203
CD	0,35	0,46	0,68	0,65	0,56	0,53	0,82	0,92	4,21	,007
CAD	1,01	0,84	1,44	1,03	1,22	0,78	1,42	1,07	2,40	,069

Tabela 6-Diferença de idade.

*Foram excluídos dois casos, que reportam aos jovens de 21 anos.

Segundo os resultados apresentadas, apenas observamos diferenças entre idades para a

subescala relativa aos comportamentos delitivos ($p < 0,01$), não havendo diferenças significativas entre as idades na subescala relativa aos comportamentos antissociais e na escala global ($p > 0,05$).

As condutas delitivas registam maiores práticas nas idades de 17 anos (média- 0,68) e 19 e 20 anos (média- 0,82). Assim, verifica-se que a maior diferença entre idades encontra-se nas condutas delitivas entre jovens com idades mais baixas (apresentando uma média de 0,35) e jovens com as idades mais elevadas (registando uma média de 0,82).

Assim, verificamos que os jovens que mais transgridem encontram-se nas idades de 17 anos e 19 e 20 anos, sendo os mais jovens aqueles que menos transgridem no que concerne a comportamentos delitivos.

4.3. Perceber a relação entre a existência de problemas na família e as condutas desviantes dos jovens

Abordando as questões dos problemas familiares, dos 179 jovens apenas 35 mencionaram ter algum problema no agregado familiar (22 jovens têm um problema na família; 10 jovens têm dois problemas; 2 jovens têm três problemas; 1 jovem tem quatro problemas familiares).

No que toca aos problemas em concreto que os jovens selecionaram, 25,7% referem-se a problemas de álcool, 28,6% casos reportam a casos de drogas, 22,9% a casos de problemas com a justiça, 48,6% problemas financeiros e 22,9% referem-se a problemas do foro psicológico.

A tabela 7 apresenta quais os jovens (sexo masculino e feminino) que têm ou não problemas na família, para as duas subescalas e para a escala global, comparando-os através de um teste t de Student.

	Sim (N=35)		Não (N=132)		Teste t	
	M	D	M	D	T	P
CAS	2,15	1,42	1,91	1,41	0,86	,390
CD	0,60	0,51	0,57	0,66	0,23	,819
CAD	1,37	0,91	1,24	0,96	0,71	,477

Tabela 7-Casos com problemas na família.

Os resultados mostram-nos que não há diferenças significativas entre os jovens que têm ou não problemas na família, em qualquer dos tipos de comportamentos (todos os $p > 0,05$).

Ainda assim, observamos que na nossa amostra os jovens que têm problemas na

família registam valores tenuemente mais elevados quando equiparados aos que não têm problemas.

Tipo de problema		Sim			Não			Teste t	
		N	M	D	N	M	D	T	P
Álcool	CAS		2,27	1,95		1,95	1,38	,662	,509
	CD	9	0,57	0,53	158	0,57	0,64	-,008	,994
	CAD		1,26	0,94		1,26	0,94	,487	,627
Drogas	CAS		2,24	1,49		1,95	1,41	,637	,525
	CD	10	0,72	0,62	157	0,57	0,63	,744	,458
	CAD		1,26	1,04		1,26	0,95	,729	,473
Justiça	CAS		3,20	1,22		1,90	1,39	2,568	,011
	CD	8	0,95	0,54	159	0,56	0,63	1,693	,092
	CAD		2,07	0,77		1,23	0,94	2,46	,015
Financeiros	CAS		2,23	1,47		1,93	1,40	,821	,413
	CD	17	0,70	0,54	150	0,56	0,64	,862	,390
	CAD		0,47	0,97		1,25	0,95	,895	,372
Foro psicológico	CAS		1,29	0,75		2,00	1,43	-1,38	,167
	CD	8	0,32	0,36	159	0,59	0,64	-1,15	,249
	CAD		0,80	0,51		1,29	0,96	-1,41	,160

Tabela 8-Problemas na família.

A tabela 8 compara os jovens que têm problemas na família, mas agora em função do tipo de problema, através de um teste t de Student.

De acordo com os resultados apresentados, verificamos que os problemas de álcool, drogas, financeiros e do foro psicológico na família não influenciam as condutas dos jovens ($p > 0,05$). Em contrapartida, verificamos que problemas com a justiça é o único problema que afeta os comportamentos dos jovens, nomeadamente os comportamentos antissociais ($p < 0,05$) e, globalmente, os comportamentos desviantes ($p < 0,05$).

São precisamente os jovens com problemas na família que mais transgridem com comportamentos antissociais (média do sim = 3,20 vs. média do não = 1,90) e globalmente nos comportamentos desviantes (média do sim = 2,07 vs. média do não = 1,23).

4.4. Perceber a relação entre práticas familiares (dis)funcionais e os comportamentos desviantes (percecionados e praticados) dos jovens

4.4.1. Práticas familiares e comportamentos

Como mostra o gráfico 3, nem todas as práticas familiares são executadas de igual forma nos seus agregados familiares.

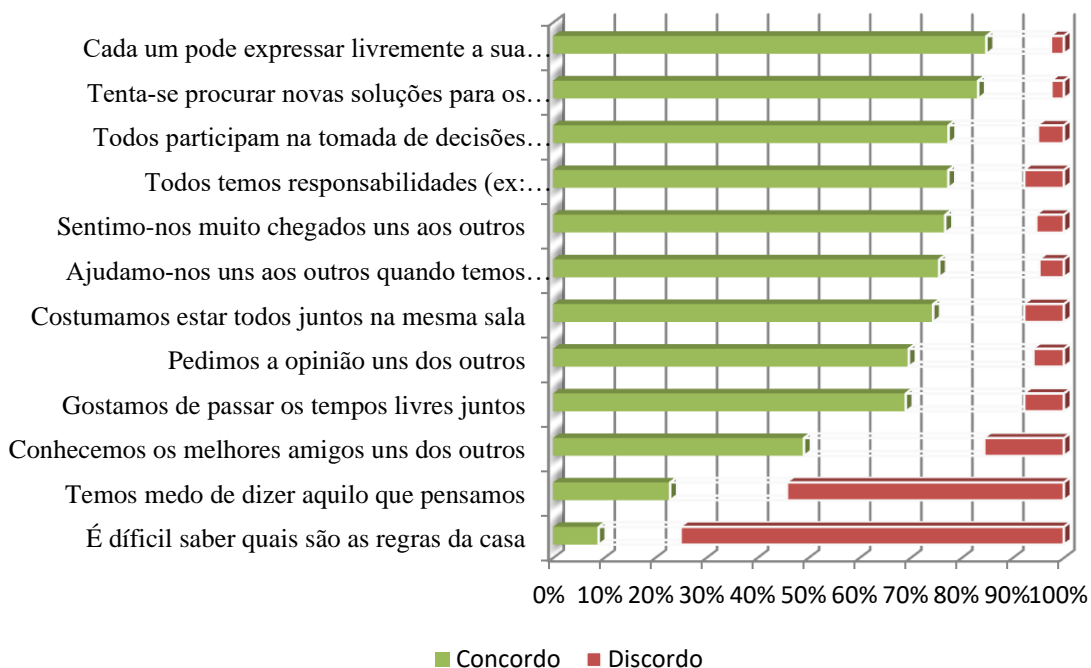


Gráfico 3- Opiniões dos jovens no que toca às práticas familiares.

Segundo o gráfico, existe uma grande concordância na maior parte das práticas familiares. Os jovens consideram que nas suas casas podem expressar livremente a sua opinião, bem como se tenta procurar novas soluções para os problemas (com valores de concordância acima dos 80%).

Relativamente à discordância, os jovens não concordam que em suas casas seja difícil saber quais são as regras (com valores em cerca de 75%) e também não têm medo de dizer o que pensam (com valores em cerca de 55%).

Para procurar a existência de fatores comuns entre as diferentes práticas familiares consideradas, aplicou-se uma análise fatorial de componentes principais, cuja matriz de componentes (após rotação Varimax) se apresenta na tabela 9.

	1	2
Gostamos de passar os tempos livres juntos	0,862	
Pedimos a opinião uns dos outros	0,808	
Costumamos estar todos juntos na mesma sala	0,791	
Sentimo-nos muito chegados uns aos outros	0,726	
Ajudamo-nos uns aos outros quando temos dificuldades (ex: trabalhos de casa, tarefas domésticas...)	0,695	
Conhecemos os melhores amigos uns dos outros	0,682	
Todos participam na tomada de decisões importantes	0,633	
Todos temos responsabilidades (ex: arrumar, cozinhar)	0,608	
É difícil saber quais são as regras da casa		-0,820
Temos medo de dizer aquilo que pensamos		-0,754
Cada um pode expressar livremente a sua opinião		0,518
Tenta-se procurar novas soluções para os problemas		0,419
Variância explicada (total 59,8%) (% de variância)	40,8%	19,0%
α	0,896	0,685

Tabela 9- Matriz de componente rotativa.

Como se pode observar na tabela, as práticas familiares estão associadas a dois fatores que explicam 60% da variância total.

As práticas familiares que compõem o fator 1, que explica 41% da variância total e para o qual a consistência interna é de 0,90, estão relacionadas com aspetos de conexão familiar, uma vez que corresponde a práticas familiares que envolvem a família no seu conjunto.

Por seu lado, as práticas familiares que compõem o fator 2, que explica 19% da variância total e para o qual a consistência interna é de 0,69, estão relacionadas com aspetos de participação familiar, uma vez que corresponde a práticas familiares de participação na família.

A tabela 10 mostra-nos o resultado do cruzamento dos fatores que resultaram da análise fatorial aplicada às práticas familiares com as subescalas e escala global dos comportamentos dos jovens.

Itens	CA		CD		CAD	
	R	P	R	P	R	P
Conexão familiar N=166	-0,114	0,144	-0,101	0,195	-0,117	0,131
Participação familiar N=165	0,024	0,761	-0,050	0,521	0,001	0,994

Tabela 10- Correlações entre problemas na família e práticas familiares.

Como a tabela 10 nos mostra, verificamos que não existe relação entre a conexão familiar e a participação familiar com os comportamentos delitivos, antissociais e, globalmente, desviantes (todos com $p > 0,05$).

O gráfico 4 mostra-nos as opiniões dos participantes no estudo sobre os jovens que mais transgridem. De acordo com os dados apresentados, verificamos que existem alguns comportamentos que se destacam pelo nível de concordância e pelos de discordância.

A nível de concordância, os participantes consideram que os jovens que mais transgridem consomem drogas e álcool, têm mãe e pai alcoólico, amigos más influências e pais negligentes (com valores à volta de 50%).

A nível de discordância, jovens criados apenas pela mãe ou pai, serem de determinada etnia ou raça, bem como ter o pai ou a mãe desempregados, são as situações em que os participantes consideram que os jovens mais transgridem (com valores em cerca de 35%).

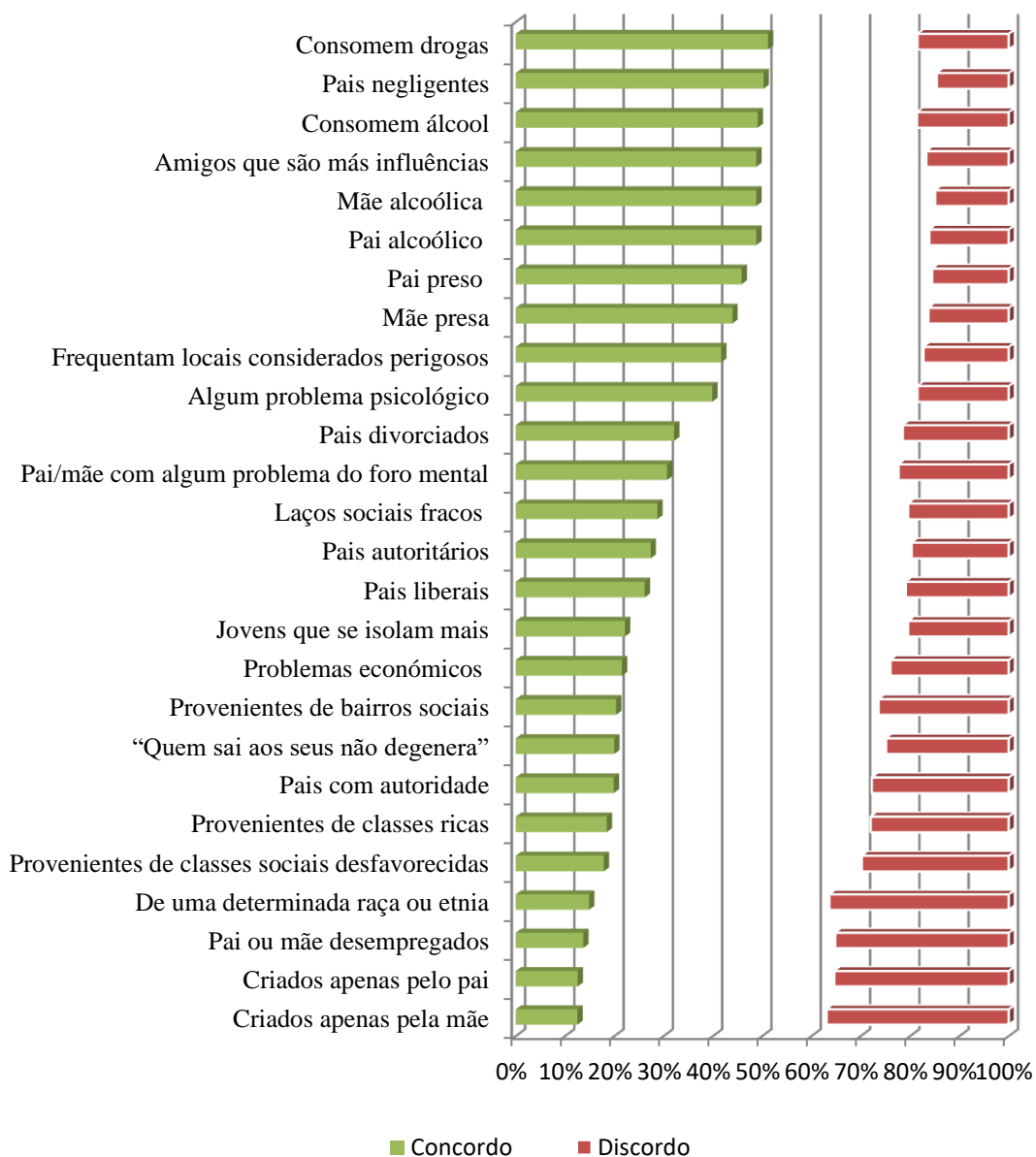


Gráfico 4- Opiniões sobre os jovens que mais transgridem.

Procuramos saber, entre estes indicadores, quais aqueles que pudessem estar relacionadas com os comportamentos delitivos, antissociais e desviantes. A tabela 11 apresenta apenas os indicadores para os quais se obtiveram correlações significativas.

	CA		CD		CAD	
	R	P	R	P	R	P
Mãe Presa (N=166)	0,154	0,048	0,078	0,318	0,139	0,073
Problemas económicos (N=167)	0,181	0,019	0,180	0,020	0,194	0,012
Frequêntam locais considerados perigosos (N=168)	0,188	0,015	0,201	0,009	0,206	0,007
Consumem drogas (N=168)	,0,042	0,585	0,163	0,035	0,086	0,269
Consumem álcool (N=167)	0,088	0,256	0,172	0,026	-0,123	0,114

Tabela 11-Resultados da opinião dos jovens.

Como se pode observar na tabela, ter a mãe presa, ter problemas económicos e frequentar locais considerados perigosos (todos com $p < 0,05$) são os aspetos que se consideram favoráveis à ocorrência de comportamentos delitivos. Já o surgimento de comportamentos antissociais também está diretamente relacionado com o ter problemas económicos e frequentar locais considerados perigosos, acrescentando-se a estes aspetos o consumo de drogas e o consumo de álcool (todos com $p < 0,05$).

Já no que concerne à escala global, comportamentos desviantes, apenas os problemas económicos e frequentar locais considerados perigosos ($p < 0,05$), ou seja, os aspetos comuns às duas subescalas é que são potenciadores deste género de comportamentos.

4.4.2. Jovens que transgridem vs. jovens que não transgridem

As tabelas seguintes mostram-nos os resultados obtidos pelos grupos de jovens que têm e não têm comportamentos para as duas subescalas e para a escala global, comparando-os através de um teste t de Student.

Para a constituição destes dois grupos de jovens resolveu-se considerar como ponto de corte o terceiro quartil de cada uma das subescalas e escala. Assim, o grupo que corresponde aos jovens que se considera não terem comportamentos delitivos, antissociais ou desviantes é constituído pelos jovens que, em cada uma das subescalas e na escala global, registam um nível de comportamento abaixo do terceiro quartil. Em contrapartida, os jovens que registam valores mais elevados, isto é, acima do terceiro quartil, consideram-se ter comportamentos delitivos, antissociais ou desviantes, consoante a subescala e a escala global.

Condutas Antissociais

	Sem comportamentos			Com comportamentos			Teste t	
	N	M	DP	N	M	DP	T	P
Pai preso	125	3,30	1,02	43	3,67	1,19	2,003	,047
Mãe presa	123	3,24	1,03	43	3,67	1,19	2,257	,025
Pais com autoridade	125	2,75	0,94	41	1,07	1,07	2,096	,038
Pais liberais	125	2,97	0,842	43	3,23	1,043	1,668	,097
Provenientes de classes ricas	125	2,75	0,895	43	3,05	1,112	1,745	,083

Tabela 12- Comparações entre jovens com e sem comportamentos antissociais.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 12, observamos que os jovens com comportamentos antissociais consideram que ter o pai ou a mãe presos (ambos com $p < 0,05$) influenciam esses comportamentos. Em contrapartida, são os jovens sem comportamentos antissociais que consideram que ter pais com autoridade ($p < 0,05$) influencia este tipo de comportamentos.

Existem ainda alguns casos que são marginalmente significativos, como fator de influência para os jovens que mais praticam condutas antissociais, como é o caso: ter pais liberais e serem provenientes de classes ricas ($p < 0,10$). Os jovens que mais concordam com estas situações são aqueles que têm comportamentos antissociais.

Condutas Delitivas

	Sem comportamentos			Com comportamentos			Teste t	
	N	M	DP	N	M	DP	T	P
Consumem álcool	126	3,48	1,018	41	2,98	1,275	-2,605	,010
Pais negligentes	123	3,56	1,06	42	3,14	1,160	-2,059	,033
Frequentam locais considerados perigosos	126	3,34	0,948	42	3,02	1,000	-1,854	,066
Algum problema psicológico	126	3,27	0,975	42	2,93	1,177	-1,862	,064
Amigos que são más influências	126	3,44	0,967	42	3,12	1,253	-1,704	,090

Tabela 13- Comparações entre jovens com e sem comportamentos delitivos.

Segundo os resultados observáveis na tabela 13, verificamos que os jovens que não apresentam condutas delitivas consideram que os pontos que mais influenciam os jovens a terem essas condutas são: o consumo de álcool por parte dos mesmos, bem como ter pais negligentes ($p < 0,05$). Os jovens frequentarem locais considerados perigos, terem algum problema psicológico, bem como terem amigos que sejam más influências são igualmente considerados como situações que influenciam os jovens a terem condutas delitivas ($p < 0,10$), também para os jovens sem condutas delitivas.

	Condutas desviantes							
	Sem comportamentos			Com comportamentos			Teste t	
	N	M	DP	N	M	DP	T	P
Consumem álcool	126	3,48	1,02	41	2,98	1,25	-2,605	,010
Problemas económicos	126	3,03	0,84	41	2,68	0,98	-2,03	,046
Consumem drogas	126	3,48	1,079	42	3,12	1,234	-1,791	,075

Tabela 14- Comparações entre jovens com e sem comportamentos desviantes.

De acordo com os resultados observados na tabela 14, observamos que os jovens que não praticam condutas desviantes consideram que o consumo de álcool e os problemas económicos são as situações que mais contribuem para que os jovens tenham condutas desviantes ($p < 0,05$). O consumo de drogas apresenta ainda valores marginalmente significativos para o mesmo grupo de jovens, apresentando-se igualmente como fator de influência ($p < 0,10$).

4.4.3. Opiniões dos jovens sobre outras questões sociais e familiares

Os seguintes gráficos mostram-nos opiniões dos jovens no que diz respeito aos seus pais, a situações em suas casas e na sociedade.

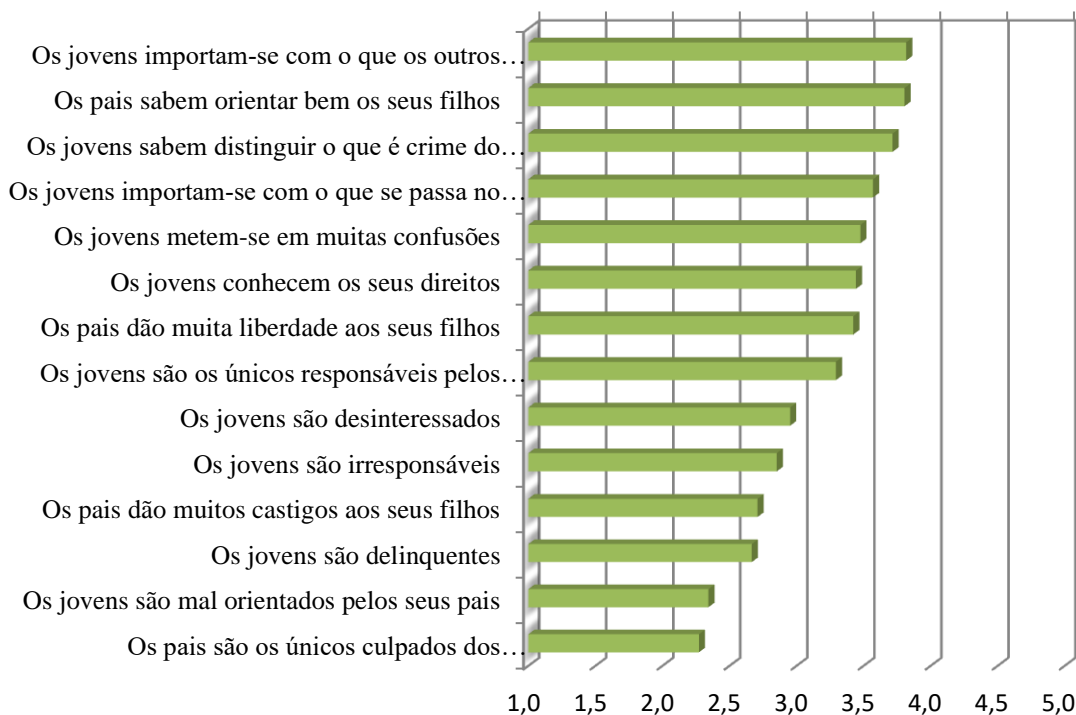


Gráfico 5- Opiniões dos jovens.

Segundo os dados apresentados no gráfico 5, verificamos que os jovens participantes no estudo consideram que os jovens da nossa sociedade dão bastante importância sobre o que os outros dizem deles, sabem distinguir situações que são crime das que não são, bem como se preocupam com o que se passa no mundo à sua volta (com valores acima dos 3,5).

Em relação aos pais consideram que estes sabem orientar bem os seus filhos, discordando com as afirmações de que os pais são os únicos culpados pelos comportamentos dos seus filhos, e ainda os jovens são mal orientados pelos seus pais (com valores inferiores a 2,5).

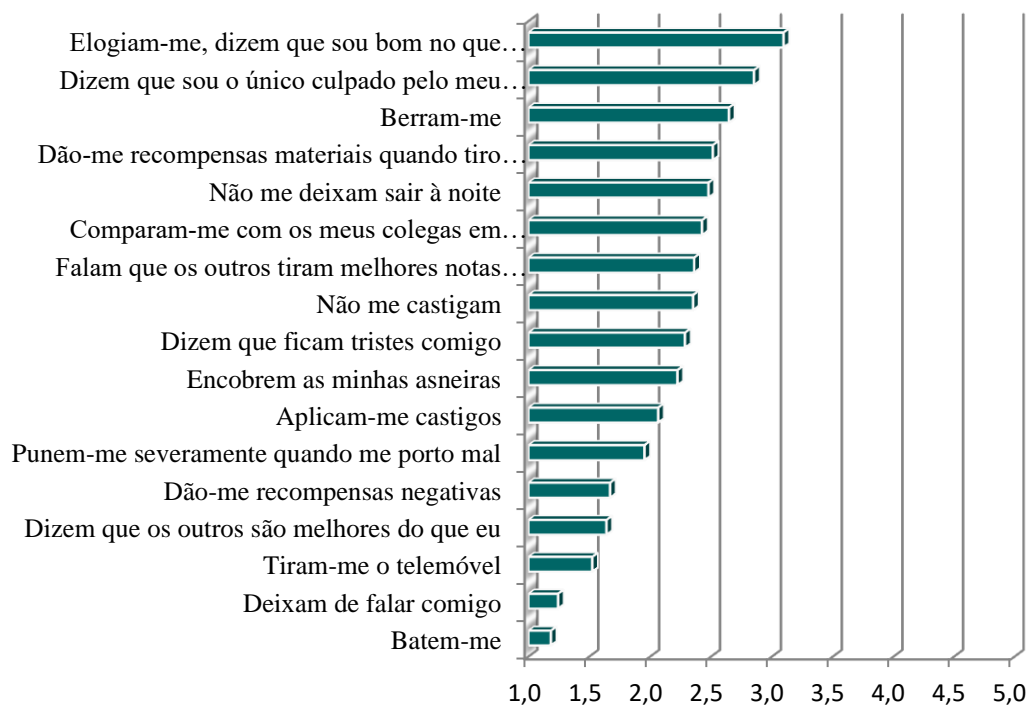


Gráfico 6- O que fazem os pais dos jovens.

Segundo os resultados presentes no gráfico 6, observamos que os jovens afirmam que recebem elogios dos seus pais e que os pais dizem que o próprio é o único culpado dos seus comportamentos (com valores à volta de 3). Outros comportamentos associados a estes pais estão os factos de berrarem significativamente as seus filhos e de darem recompensas materiais quando os seus filhos tiram boas notas (valores a rondas os 2,5).

4.5. Explorar as perspetivas dos jovens sobre comportamentos desviantes e dinâmicas familiares

Com a elaboração dos grupos focais, conseguiu-se explorar temáticas e assuntos que estiveram no foco desta investigação. Os assuntos neles debatidos englobaram questões como consumos por parte dos jovens, questões familiares, sociais e culturais.

No início dos grupos focais abordou-se a questão das enúmeras notícias que têm vindo a dar conta dos elevados consumos por parte dos jovens, bem como têm sido dadas a conhecer notícias sobre jovens que agredem e torturam outros jovens.

4.5.1. Os consumos de substâncias ilícitas nos jovens

Abordando a temática dos consumos com os jovens, e falando das notícias²⁴ que deram origem ao início deste debate, verificam-se algumas ideias de concordância e discordância. Assim, quando confrontados com a questão de se os jovens estariam a consumir mais, afirmam que sim, tanto a nível de drogas como de álcool. Um jovem que trabalha no meio noturno, chegou mesmo a verbalizar:

(M)²⁵ Eu trabalho na praça, num bar e quando estou a pé passando pra lá já vejo muito povo a fumar ervas e ganzas na frente da câmara municipal, muitos na laranjeira, é o que eu vejo muitas vezes e a polícia passa por lá olha e tá-se bem não fazem nada. O álcool também tenho reparado muito principalmente canalha de 15 anos que eu olho pra eles e dizia vocês são uns putos e não deviam estar a beber. (fg2)²⁶

Afirmaram que na noite, nomeadamente em discotecas, veem-se mais jovens de 15 anos do que jovens maiores de idade, aludindo a esta questão o facto de os proprietários da discoteca não pedirem identificação e estarem mais focados no lucro.

Voltando à questão dos consumos, os jovens consideram que muito do que se fala dos jovens consumirem mais é uma amplificação da imprensa, ou seja, confirmam sim que os jovens consomem, no entanto, esta questão torna-se maior porque é mais divulgado nos dias de hoje.

Erva, cocaína e pólen são as drogas que na opinião dos jovens são mais consumidas. Enquanto uns consideram que os jovens consomem as de fácil acesso outros consideram que isso é irrelevante. Porém, concordam que quem experimenta começa pelas

²⁴ Notícia sobre o aumento de consumos nos jovens e agressões a outros jovens.

²⁵ M nas transcrições representa o sexo masculino.

²⁶ Focus group 2

drogas consideradas mais leves (haxixe e ervas) e depois a situação de consumo evolui e passam para as mais pesadas.

O vício, o stress, problemas em casa, integração em grupos, influência de amigos, a diversão ou até mesmo a falta de noção dos riscos são os motivos apontados sobre os jovens que consomem drogas. Referem que muitos jovens consomem para tentarem mostrar maturidade, “para serem fixes”(fg2) e como forma de se sentirem mais confiantes em si próprios. Mais acrescentam que a curiosidade e o querer saber o que se sentem quando se ingere algum tipo de droga são igualmente motivos para quem consome, salientando a questão de experimentar como um ato normal, uma vez que afirmam “porque experimentar não é crime, acho eu...”(fg1).²⁷

Os jovens consumidores são considerados por alguns elementos dos grupos focais como pessoas que sabem o que fazem e têm noção das consequências que tais comportamentos lhes podem trazer, chegando mesmo alguns jovens a verbalizar “ninguém é tolinho”(fg2) e “cada um faz as escolhas que quer, ninguém é obrigado a nada” (idem). Por outro lado são também agregados a pessoas que não têm noção do que fazem e como já referido anteriormente, pode transcrever-se na prática de mais consumos por parte dos jovens.

Apesar de considerados por alguns sem noção, os jovens consumidores detêm de maturidades diferentes mediante a idade em que consuma drogas, uma vez que:

(M) Se uma pessoa de 15 anos meter-se nas drogas e uma pessoa de 19, 20 meter-se é diferente... a de 15 anos ainda está a crescer está ainda a desenvolver o cérebro tá tudo, se se meter nas drogas desde cedo; (M) arruína-se; (M) pouco desenvolve (fg1).²⁸

Existe algum receio por parte dos jovens em experimentar certo tipo de drogas, contudo sabem que têm toda a informação disponível sobre quais efeitos destas.

4.5.2. Comportamentos violentos entre jovens

Quando questionados sobre os maus comportamentos, estes são definidos pelos jovens como a falta de educação nos jovens, as agressões que praticam sobre os outros e ainda as “bocas”(fg2) que mandam desnecessariamente aos colegas.

Após dar conta da notícia de duas jovens que torturaram durante quatro horas outra jovem, os elementos participantes nos grupos focais revelam que estas jovens (neste caso da notícia do sexo feminino) queriam fama à custa do mal dos outros. Motivos como

²⁷ Focus group 1

²⁸ Esta ideia apresenta um excerto do diálogo obtido nos grupos focais, em que M representa os elementos do sexo masculino e F representa os do sexo feminino.

aspectos emocionais, familiares, sociais e culturais levam os jovens a terem condutas desviantes. Como explicação a essas condutas os jovens partilham de opiniões comuns, nomeadamente: questões emocionais, uma vez que podem ter problemas de confiança, não conseguem suportar sozinhos os seus problemas, podem querer chamar a atenção dos amigos e/ou família e ainda questões como a cobardia e o bullying. Este último aspeto é considerado pelos jovens como um ponto de referência, uma vez que um jovem pode ser durante anos vítima de bullying por parte dos colegas até ao ponto que “enche” (fg2) e explode.

A agressão entre jovens é vista como um acontecimento normal, uma vez que quem tem esses comportamentos já não é castigado pelos seus atos (fg2). Entre rapazes e raparigas existem algumas diferenças enunciadas pelos jovens, como as raparigas agredirem mais por inveja e ciúme (fg2) e os rapazes por vezes nem têm motivos, mas as “bocas”(fg2), o machismo e os ciúmes são alguns dos motivos que levam os rapazes a agredirem outros jovens. No entanto, vejamos

(M) Nos rapazes as agressões são sempre mais físicas, mas as raparigas também conseguem interferir mais psicologicamente muitas das vezes (fg1). (F)²⁹ Os rapazes andam mais depressa à porrada que as raparigas, as raparigas berram, ameaçam, amarram os cabelos, agora os rapazes não já não é só ameaça (fg2).

Os participantes reconhecem que os jovens por vezes praticam agressões, contudo, também compreendem que não há motivo para se torturar ninguém (fg2).

Para os jovens, o pertencer a determinado grupo não influencia comportamentos, uma vez que pode ser qualquer pessoa a ter esses comportamentos, no entanto, o viverem em locais considerados perigos e/ou pertencerem a determinada etnia já gere uma discordância na ordem da influencia ou não. Este ponto foi olhado pelos jovens como tendo influência no agressor e também na vítima. Pode influenciar o agressor, no sentido de este sentir que tem as costas quentes (fg1), ou seja, que é protegido pelo contexto que o envolve e pode influenciar a própria vítima no sentido de:

se calhar a vítima imagine que ele é de um determinado sítio e quer-me fazer a mim mal e eu sei que o sítio onde ele mora é um sítio chamado perigoso.. eu se calhar vou ter receio dele porque sei lá ele pode querer chamar outros... há muitas pessoas assim que não sabem resolver os problemas sozinhos... chamam os de tal sítio que é perigoso (fg1).

O próprio conceito de vítima na opinião dos jovens anda muito em torno da questão dos jovens que são mais fracos psicologicamente e fisicamente, mas perante isto, também

²⁹ F nas transcrições representa o sexo feminino.

têm a capacidade de reflexão sobre a questão de não se dever julgar pela aparência (fg2).

A influência pode ainda enveredar pelo sentido da raça ou da etnia, vejamos:

Não é por ser de uma raça, somos todos iguais, não é só por ser cigano ou preto que vai ser diferente mas são sempre as pessoas que são olhadas de lado. Você está no metro vê um preto ou um cigano já está mais a esconder a mala, então aqueles velhicos veem algum cigano até mal vestido já estão ali a guardar o telemóvel e a meter assim a mão ao bolso, se calhar eu até que sou assim uma pessoa normal sou branco e tudo até era capaz de roubar e esse cigano não, mas essas pessoas de idade às vezes estão mais(...) e às vezes no autocarro vai um preto e só há à beira dele um lugar livre, mesmo que as pessoas tenham problemas e até lhes custe ir de pé elas não se sentam, mas isso é estúpido (fg1).

Alguns jovens consideram que o meio influencia sempre a pessoa que se torna no futuro, mesmo que a influência seja na ótica de comandarem as suas atitudes para o contrário do que veem (fg2). Afirmam que rótulos são apenas rótulos e nem toda a gente que está inserida naquele local tem que ser o que os outros referem que é (fg2).

Os amigos são referidos como um ponto de influência, no sentido de se o jovem andar com más companhias, até pode ter a melhor educação em casa que se for influenciável vai ter mais condutas desviantes (fg1 e fg2). Também os/as namorados/as acabam por afetar o comportamento do jovem, uma vez que segundo os jovens o namorado acaba sempre por influenciar, podendo contribuir através de questões de ciúme. Pode influenciar igualmente pela positiva, mas os jovens referiram que a mudança tem de partir da própria pessoa, esta tem de ter personalidade e consciência e não mudar em função do outro (fg1 e fg2). Salientam ainda o facto de cada vez mais existirem namoros que não têm qualquer ponto positivo (fg2) e de haver algumas diferenças entre rapazes e raparigas. Uma jovem mencionou que os rapazes são mais possessivos no que toca à namorada e se tiverem ciúmes são capazes de agir logo, partir para a agressividade, enquanto as raparigas não são assim.

As questões familiares são outra questão a ter em consideração quando falamos em comportamentos desviantes praticados pelos jovens. Vejamos no ponto seguinte.

4.5.3. Família como ponto de influência

A vida familiar é vista pelos jovens como um ponto de influência na vida dos jovens, tanto é que chegaram a verbalizar:

A primeira coisa a afetar o comportamento dos jovens é a vida pessoal, a vida em casa” e “ou somos o reflexo do que vemos em casa ou somos o lado aposto porque sabemos que não é correto (...) ou somos iguais ou nos tornamos diferentes para não ser iguais (fg2).

Associada à família estão englobados alguns problemas que se tornam fulcrais na hora de orientarem os jovens para as condutas corretas ou incorretas. Falemos do exemplo dado pelos jovens entrevistados. No caso de no agregado familiar houver um pai ou uma mãe com problemas de álcool e/ou drogas os jovens veem ambos os problemas como vícios, podendo os dois influenciar os jovens da mesma forma ou não. Contudo, alguns entrevistados acrescentaram que os filhos podem olhar estes vícios como exemplo que não devem seguir, salientando mais, caso tivessem pais assim, no momento que tivessem de falar sobre eles, não sentiriam orgulho, mas sim desilusão (fg1).

Problemas psicológicos podem ter alguma influência nos jovens no sentido de haver sempre um problema presente em casa (fg2), mas existe ainda a opinião dos jovens que consideram que este não influencia, uma vez que é uma doença, aparece, enquanto as drogas e o álcool são uma opção (fg1).

Os problemas financeiros são uma questão bastante abordada pelos jovens, pelo menos alguns frisaram inúmeras vezes este ponto. A questão económica é associada às dificuldades pelas quais as famílias passam, um jovem inclusive referiu que daria sempre valor ao que tinha porque foi alcançado pelos seus pais, ao contrário do que outra jovem referiu no exemplo que um jovem que sempre teve tudo e de repente perde, nunca vai ser dar valor ao que teve (fg2). Todavia, existe uma perceção contrária:

Eu acho que não, não é por uma pessoa não ter dinheiro que tem de ser agressiva e há pessoas que têm muito dinheiro e são agressivas iguais e ficam mais arrogantes por se calhar acharem que têm muito (...) isso depende muito da pessoa também, não podemos estar a falar no geral que depende muito da pessoa (fg1).

No que concerne aos problemas com a justiça, caso haja algum pai ou uma mãe neste caso, os jovens abordam muito a palavra “depende”, depende do problema, depende da situação, depende da gravidade. Consideram que o caso do homicídio é o caso mais grave e que poderia influenciar os jovens, mais acrescentam as prisões injustas, basta a pessoa estar no sítio errado à hora errada (fg2). Apesar de considerarem não haver desculpa para certos crimes, nomeadamente o roubo, existem duas perceções sobre o caso de roubar por necessidade e o de roubar só porque sim. Vejamos a opinião dos jovens:

Depende mesmo, se o meu pai foi preso por roubar comida mas roubou para me dar comida a mim isso é diferente, agora roubar porque já é hábito dele e ele nunca fez nada na vida é diferente. Agora se ele roubasse para mim se calhar não tinha pra comer nem nada e se fosse pra família comer é uma coisa, agora se fosse... pelo menos ia pensar que ele tentou me safar de alguma maneira, foi a pior opção mas tentou-me safar de alguma maneira(fg1).

Numa situação de desespero consideram o roubo aceitável, porém não justificável.

Quanto aos filhos que assistem a estes comportamentos por parte dos pais

Ou ficam com o vício dos pais, eu vejo o meu pai a roubar, vou roubar também (...) depois achas aquilo uma coisa normal se calhar (...) se o vir a vida inteira a roubar se calhar também vou chegar à idade dele (...) eu quero ser como ele (fg1).

Neste sentido, os jovens podem seguir o exemplo dos pais, mas também os que veem pais nesta situação e não seguem os seus exemplos, por vezes têm alguém que os orientem, como um tio, avós, irmão e nem sempre seguem a pessoa mais correta (fg1).

Ter mãe ou pai preso poderá ser um caso de influência para os jovens, dependendo da ligação que os jovens detenham com os mesmos, mas na generalidade concordaram que seriam mais difícil ter a mãe presa, aqui mais rapazes verbalizaram que seria de facto a figura materna, tendo um jovem mencionado que os rapazes sentem-se mais à vontade a falar com a mãe sobre assuntos mais delicados, se a mãe for presa o filho vai sentir-se mais perturbado (fg2).

Pais divorciados é um dos problemas considerados por uns que como situação que afeta os jovens e assim mais provavelmente se desenvolvem condutas desviantes e noutro ponto de vista não influencia em nenhum ponto.

Os jovens que não têm pais divorciados partilham da opinião de que esta situação influencia sempre os seus filhos, independentemente de não terem a plena noção de quão grave e difícil é. Para os jovens que já vivenciaram esta experiência, dois concordam com o facto de esta situação ser difícil e de afetar os seus comportamentos, por outro lado, existe uma jovem que explica que essa situação não afetou em nada o seu comportamento. Vejamos, para os dois primeiros jovens, apesar de as idades terem sido diferentes (9 anos e 17 anos), a parte da discussão em casa e o fazer de “pombo correio”(fg1) contribuiu para a dificuldade do processo. Enquanto uma referiu ter sido difícil houver palavras menos amigas por parte dos colegas (de 9 anos), o outro referiu não suportar ouvi-los a discutir e passou de muito calmo em casa a muito nervoso. No último caso, da jovem que referiu que esta situação não influenciou comportamentos, explicou através da forma como os pais lidam com a situação, em que se ambos os pais continuarem presentes na vida do filhos e estiverem todos felizes e amigos, não tem porque influenciar negativamente a vida do filho.

Em ambos os grupos é notável a concordância no que abarca a idade, este é um fator importante a ter em conta quando se fala de influência ou não. Os jovens consideram

que ainda na adolescência afeta, mas tudo depende como os pais lidam com as situações e com os filhos.

A educação na voz dos jovens é um dos fatores determinantes para o desenvolvimento das condutas e atitudes dos jovens, sendo pela positiva como negativa. O tipo de educação que é dada condicionará o que os filhos serão quer em termos de controlo excessivo, quer em dar liberdade excessiva.

Os participantes consideram que os jovens mais felizes são aqueles que têm liberdade excessiva:

(M) Porque se nos derem liberdade nós até temos hipótese de bater com a cabeça no chão e se calhar endireitarmo-nos, agora se estiver sempre a controlarmos, como há pessoas. Também conheço pessoas que estão na universidade que nunca saíram à noite, tanto controlo e chegam lá e meu deus como é que eles andam lá. Depois enterram-se todos; (F) o proibido é o mais apetecido (M) é a coisa de experimentar, é a mesma coisa com as drogas e o álcool, nunca experimentaram nada, chegam aquele momento têm liberdade; (M) e lá vão (fg1).

Os jovens referem-se ao controlo como um fator que condiciona o desenvolvimento e a aprendizagem por tentativa-erro. Acreditam que quando mais os pais os proibem, mais eles fazem o que anteriormente foi proibido, peguemos em exemplos dados pelos jovens: um jovem mencionou que o seu pai sempre lhe disse para nunca fumar, tanto é que aludiu que era a coisa que o seu pai mais queria e lhe pedia, e mesmo indo contra a vontade do pai o jovem começou a fumar a fuma até hoje; continuando no assunto fumar, existe o exemplo dado por outra jovem. Contou que o seu pai, quando era mais nova, lhe deu a experimentar um cigarro, para de certa forma, na sua opinião, lhe mostrar o quanto mau e mal fazia, porém, também não seguiu a vontade do pai e fuma até hoje também.

A liberdade excessiva também pode trazer consequências, não consideram a idade muito relevante (comparados jovens de 15 anos com maiores de idade), tem a ver mais com a questão da maturidade, mas afirmam que jovens de 18 anos ainda não sabem o que é a vida, quanto mais jovens de 15.

Tal como referem a liberdade excessiva pode ser um caminho para chegar até ao consumo de drogas. Consideram que os pais dos jovens que dão demasiada liberdade são desinteressados:

Os pais não querem nem saber, fazem tudo por trás e mesmo que soubessem estão-se a marimbar pros filhos que é o que eu noto ultimamente é o que eu vejo (...) Há muitos pais que não sabem para onde os filhos vão” (fg2).

Os jovens que não têm boa orientação e acompanhamento por parte dos pais podem ter outra pessoa que os oriente, como um irmão, tios ou avós. Apesar da situação, existem jovens responsáveis porque têm os seus ideais desde criança, não precisam de ser necessariamente os pais a dar o exemplo (fg2).

Quando comparados rapazes com raparigas, chegam a diferentes conclusões, em que num grupo consideram que a liberdade é dada aos dois géneros de forma igual, noutra ponto de vista as raparigas ainda são vistas como tendo uma liberdade mais limitada. O seu olhar sobre este facto recai sobre os pais atribuírem às raparigas um conceito de fragilidade e que deve ser mais protegido. As raparigas ainda têm a questão da fama, do que a sociedade vai dizer se andar mais com rapazes se a forma de se vestir for mais ousada ou se quiser fazer trabalhos de homem (fg1).

A família é vista como um ponto mais influenciador do que a própria sociedade, uma vez que há jovens que não vivem com os pais e são maus na mesma, iguais a eles (fg1). Visto que,

(M) Influencia, porque os pais são as pessoas que nós se calhar estamos mais tempo se o meu pai for racista e eu estou com ele desde pequenino e passa um preto ou um cigano e ele até critica e olha de lado eu já vou aprender, acho que tudo que aprendemos com os pais; (F) claro, nós não nascemos racistas nem xenófobos; (D) se o meu pai for racista está sempre a olhar de lado e uma pessoa que tá mal vestida ou assim eu vou crescer também com esse hábito; (M) tens a tendência dele (fg1).

Existem outras questões que foram referidas pelos jovens, como exemplos que podem influenciar os comportamentos dos jovens. No primeiro exemplo, um dos jovens abordou a questão da profissão dos pais, nomeadamente o caso de ter uma mãe prostituta. Se a mãe não levar essa questão para dentro de casa, não há qualquer condicionante para a educação do filhos, contudo, apesar de mencionarem que uma acompanhante de luxo pode ganhar muito dinheiro e assim dar tudo do melhor ao seu filho, esta não foi ideia que convencesse todos.

Esta ideia da profissão é vista como um tabu, porque veio uma ideia ao centro que tratava a questão como se as mães que têm esta profissão não pudessem ter filhos, justificando esta afirmação com base na segurança social e assistência social que não iriam permitir que os filhos fiquem com as suas mães. (fg2)

Outro dos exemplos abordados pelos jovens participantes foi a questão da sexualidade dos pais, podendo ser vista igualmente como ponto de influência para comportamentos dos jovens. Pegando no exemplo dado pelos jovens, se dois homossexuais adotassem uma criança, esta poderia vir a ser gozada na escola, o que

poderia ser um ponto que alterasse o seu comportamento. Isto só acontece porque como os jovens afirmaram, a sociedade não aceita porque está habituada a ver os ditos casais normal, homem e mulher. Enfatizam ainda o facto de o importante é a criança ter condições para viver e ter um lar. (fg2).

Esta questão levantada pelos jovens, apesar de nas suas opiniões trazerem assuntos que possam condicionar as condutas dos seus filhos, também são da opinião que a questão da sexualidade não interfere na educação.

4.5.4. Jovens no papel de pais

Aos jovens participantes nos grupos focais foi-lhes proposto um desafio, troca de papéis. Os jovens teriam de se colocar no lugar dos pais com filhos que consomem e que agredem outros jovens.

Em ambos os grupos existe um ponto de concordância que passaria por, primeiro conversar com os seus filhos a fim de perceber o que se passava:

Falava com o meu filho para saber o porquê de ter feito aquilo, não partia logo para os castigos nem nada, porque há uma razão, até possa ser eu que esteja a falhar em alguma coisa (fg2).

Outro grupo aprofunda:

(M) Falavam com eles, mostravam as consequências através da internet, o que fazem as drogas o álcool, tabaco... que em muitos casos podem ajudar.. Cortavam-lhes e controlavam o dinheiro, telemóvel; (F) por exemplo se tiras o dinheiro ele rouba (F) ou pede a um amigo e é capaz de ficar a dever a um amigo; (F) e depois pede a outro e a outro e daqui a nada deve à escola toda"; (M) se lhe dava 5 euros por dia se calhar para ele almoçar, lanchar e ter dinheirinho pro que quisesse... como as pessoas normais para gastar onde quisesse, esse dinheiro que era mais para lazer tirava-lho (...) se calhar tinha horas de ir para casa, controlava-o muito mais, cheirava-lhe a rouba, cheirava-lhe tudo. (fg1).

Existem ainda outras opiniões de se estes jovens fossem os pais o que fariam de diferente e podemos encontrar outras opiniões consideradas extremas entre os jovens, sendo o mandar os filhos a um psicólogo/psiquiatra no caso de torturarem outros jovens (exemplo da notícia) e no caso de consumos, leva-los para uma casa de reabilitação, cortando-se o mal pela raiz (fg2).

4.5.5. Coesão e participação familiar

Uma questão que os jovens consideram relevante para o bom funcionamento da família e assim a questão não influencia comportamento é a participação nas tomadas de

decisões. Os jovens sentem que todos nas suas famílias podem opinar nos mais diversos assuntos, enquanto a eles não lhes dão espaço para falar. Consideram que é importante eles próprios participarem nas decisões, uma vez que fazem parte da família, e se não os deixam participar sentem-se revoltados “não dão liberdade de expressão”(fg1). Importante será aludir como eles já sabem de cor o texto que os pais usam para a justificação dessa não participação. Alguns afirmam que os pais abordam a questão como a casa ser dele e eles é que mandam, não podendo assim os filhos darem a sua opinião.

4.5.6. Preocupações dos jovens

Para os jovens são poucas as preocupações que lhes tocam. Ambos os grupos referem as questões financeiras como sendo uma das preocupações, frisando a ideia de que realmente já há destas preocupações nessas idades. A parte económica para os jovens significa o poderem viver a vida (fg1), terem dinheiro para sair à noite e poderem comprar as suas próprias coisas, nomeadamente com questões que se prendem à imagem.

Contraponto opiniões de elementos do sexo masculino, de grupos diferentes, enquanto um menciona não ter muitas preocupações porque ainda tem quem o sustente, do lado oposto, mencionou um jovem que a independência é ótima e que trabalha para ganhar o seu dinheiro, evitando pedir dinheiro à mãe.

Acabar o secundário foi uma das preocupações mencionadas, os hábitos diários (acompanhar os amigos e ser acompanhada por eles), os amigos e a família, aproveitar a vida enquanto se é jovem, mas sempre com cabeça e sem pisar o risco. Esta questão do viver a vida com cabeça foi debatida, tendo obtido a seguinte explicação:

Em vez de se calhar em vez de beber 5 ou 6 shots só bebo um ou dois e já bebi (...) ou fumar charutos e a fazer o que quiser. Posso fazer mas nunca abusar é isso que estou a dizer (...) em vez de o fumares inteiro das só duas ou três passas (...) claro que os rapazes javardam muito mais (fg1).

A questão da imagem é sem dúvida a maior preocupação que os jovens têm, tanto rapazes como raparigas, tendo sido esta questão demasiadamente frisada pelos jovens. As próprias jovens mencionaram como as raparigas não podem abusar no visual, por causa da sociedade reprovar e falar desta condição. O assédio às raparigas também abordado nesta questão, foi debatido como um assunto preocupante, curiosamente os jovens do sexo masculino referiram este aspeto como sendo uma preocupação das raparigas.

É importante referir que apesar de num grupo serem questionados sobre quais as diferenças entre preocupações de rapazes e de rapazes, uma vez que alguns mencionaram

haver diferenças, não me souberam indicar mais exemplos para além da questão da imagem.

CAPÍTULO 5. Discussão dos resultados

5.1. Compreender o papel da família nos comportamentos dos jovens

No que concerne à literatura usada, assistimos a contributos que veem o desvio e o crime como uma característica hereditária, aprendida socialmente, local onde residem e ainda como sintoma ou reação (Giddens, 2009). Existem diversos autores que trabalham a questão da família ser um fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos desviantes nos jovens, como é o caso por exemplo de Savignac (2009), Hoeve et al. (2008, 2009, 2012), Laurent Mucchielli (2002).

Na presente discussão, os jovens revelam informações e opiniões que vincam e completam alguns estudos sobre as temáticas juventude, família e comportamentos desviantes.

5.1.1. Caraterizar os principais comportamentos desviantes dos alunos, percebendo se há diferenças de género e de idade

Comportamentos antissociais e delitivos são praticados pelos jovens participantes no estudo. Ao analisar os resultados do instrumento ECAD apresentados nos gráficos 1 e 2 (cap. 4), verificamos que existem condutas que são mais praticadas que outras.

No que respeita às condutas antissociais, o dizer palavrões ou expressões grosseiras e comer em locais proibidos são os comportamentos mais praticados pelos jovens. Para as condutas delitivas, a que mais pontuou foi o pertencer a uma turma que arma confusões. Existe ainda uma conduta que se encontra acima da média, o uso de drogas, que carece de especial atenção.

Todos os participantes no estudo consideram que consumos favorecem os comportamentos desviantes em jovens, tal como mostra a tabela 11 (cap. 4), há jovens que só consomem devido a influências de amigos (fg1, fg2). Se a integração em grupos pede que jovens executem certo tipo de comportamentos, apesar de não haver uma obrigação por parte dos amigos, existe uma influência direta sobre as condutas dos jovens. A influência dos grupos de pares, segundo a opinião dos participantes, é um dos motivos que leva jovens a consumirem, uma vez que os jovens na adolescência atravessam uma fase de se afastarem dos familiares e das suas orientações e passam a seguir os grupos de pares (Vicario & Romero, 2005 e Dias & Vieira, 2010, citados por Dias, 2015).

Para além da questão dos amigos más influências, também os consumos podem propiciar o desenvolvimento de condutas impróprias nos jovens. Para a questão das

drogas, na opinião de jovens sem consumos, podemos verificar que estes consideram que drogas podem ser uma influência para a criação de condutas delitivas; os consumos de álcool podem favorecer o desenvolvimento de condutas delitivas e desviantes, segundo igualmente a opinião de jovens que não têm condutas desviantes, tal como é observável através da tabela 13 e 14 (cap 4.).

Quando comparamos género, verificamos que existem diferenças entre elementos femininos e elementos masculinos. Como apresenta a tabela 5 (cap. 4) vimos que os jovens do sexo masculino transgridem mais do que o feminino, apresentando mais condutas antissociais, delitivas e desviantes. À figura masculina, mais do que à feminina, estão associados comportamentos delinquentes (Duarte & Gomes, 2015). São vários os órgãos que corroboram com estas ideias, vincando-as sobre as questões do crime. Contudo, as raparigas já começam a reivindicar o seu espaço e já começam a ganhar visibilidade (idem), ainda que pouca, nos discursos públicos e científicos.

Quando abordada a questões de comportamentos violentos entre jovens, com a referência a uma notícia, os participantes da fase 2 consideram inadmissível a tortura entre jovens. Tomemos em considerações os resultados do gráfico 1 (cap. 4) que retrata os comportamentos antissociais tidos por todos os jovens da amostra. Neste gráfico, podemos verificar que a meio encontra-mos os comportamentos como o brigar com os outros, aproximando-se dos 2 valores (na escala de Likert, 0 a 9). Com a comparação entre rapazes e raparigas no que toca a comportamentos violentos, segundo os jovens, as raparigas têm comportamentos associados à violência psicológica enquanto os rapazes partem mais para a violência física. Estes últimos às vezes agridem sem motivos concretos, as ditas “bocas” (fg2) entre jovens muitas das vezes é o centro da questão à volta da violência.

Ciúmes é o motivo em comum quando se fala em agressões praticadas por rapazes e raparigas. O ciúme do outro, nomeadamente, entre namorados pode ser um sinal de influência para o comportamento nos jovens. Vejamos, segundo os jovens participantes, os namorados acabam sempre por afetar os comportamentos do outro. Mudanças são feitas pelos jovens para agradar ao companheiro. Segundo os jovens, rapazes são mais possessivos e impulsivos, partindo mais facilmente para a agressão.

Relação entre idade dos jovens e comportamentos desviantes também existe, uma vez que ao acompanharmos a tabela 6 (cap. 4) podemos verificar que dos 15 aos 20 anos existem oscilações não tão significativas, mas que mostram como os jovens de 17 anos e de 19 e 20 anos, praticam mais comportamentos que os outros jovens. Mais se comprova

através da curva idade-crime que a idade dos 17 anos é a mais propícia ao desenvolvimentos destas condutas (Negreiros, 2008) e tal como constatamos os 17 anos são uma idade que obtém mais comportamentos desviantes por parte dos jovens participantes no estudo.

A idade pode ser tomada como referência para o desenvolvimento de comportamentos desviantes associados à família, quando tidas em conta as características familiares, dinâmica e funcionamento e até a própria residência familiar (Savignac, 2009). O divórcio é tido pelos jovens como uma situação que afeta e influenciará sempre os seus comportamentos, no entanto pode depender do fator idade. Jovens até à adolescência e até inclusive inseridos nesta fase da vida, tendem a não perceber muito bem esta questões sendo mais provável o desenvolvimento de condutas desviantes. Mais se salienta o facto de na opinião dos jovens, depender da forma como os pais lidam com a situação divórcio e acompanham os seus filhos depois dessa rutura. Laurent Mucchielli (2002) aborda o divórcio e a monoparentalidade como fatores de risco para a delinquência juvenil, falando que fatores relacionais são mais determinantes que os fatores estruturais. O cruzamento da opinião dos jovens e as teorias que estudam o divórcio mostram como de facto este é um aspeto a considerar como um dos pontos de influência atribuído à família.

Pertencer a determinados grupos, segundo opiniões dos jovens, não influencia comportamentos, contudo, o frequentar/viver em locais considerados perigosos e/ou pertencer a determinada etnia já pode desencadear comportamentos influentes em jovens. Mais se confirma esta opinião através dos dados da tabela 11 (cap.4), onde constam os frequentam locais perigosos como fator de concordância sobre os jovens que mais transgridem, igualmente se observa através da tabela 13 (cap.4) que este mesmo aspeto influencia os jovens a desenvolverem condutas delitivas. No entanto, é importante salientar como Carvalho (2010), aborda as questões da área de residência como sendo um fator influenciador ao desenvolvimento de condutas nos jovens.

Apesar das etnias e minorias estarem associadas a ideologias que as vinculam a problemas sociais, nomeadamente o crime, já existem dimensões que as tentam desvincular destas ideias. Pretendem-se desfazer as histórias únicas criadas em torno destas (Duarte & Gomes, 2015).

5.1.2. Perceber a relação entre a existência de problemas na família e as condutas desviantes dos jovens

A família é o foco central e mais abordado pelos jovens como primeiro fator de influência nos comportamentos dos jovens. Esta é o primeiro agente de socialização dos jovens podendo afetar na constituição dos seus comportamentos sociais e psicológicos (Formiga et al., 2003 citados em Formiga, 2011; Minuchin, 1985,1988 citado por Faco & Melchiori, 2009; Bordieu, 1979 citado por Carvalho, 2004; figura 1 do cap. 1), uma vez que os jovens afirmam que são o reflexo do que veem em casa (fg1, fg2).

Os jovens podem querer colocar em causa as normas ditadas pela geração dos pais, podendo-se ainda associar a esta questão o afastamento dos pais e a aproximação do grupo de pares (Formiga e Gouveia, 2003; Vicario & Romero, 2005 e Dias & Vieira, 2010, citados por Dias, 2015). Facto é que a família e seus problemas influenciam comportamentos (Andrews & Bonta (2010; Farrington, 2011; Fonseca Ed., 2002; Ferreira, 1997; Hoeve et al., 2009, 2008; Loeber, Farrington & Petechuk, 2003; Oliveira, 2015; Savignac, 2009; Sheldon & Eleanor Glueck, 1939, 1950 citados por Born, 2005) e passemos então a centrarmo-nos sobre esses problemas.

Problemas de consumos de substâncias por parte dos pais, os jovens consideram que influenciará sempre, uma vez que esses consumos são uma opção tomada. Contudo, os jovens que na fase 1 referiram ter estes problemas em casa, verificamos que nas suas opiniões a questão da influência não é notória (gráfico 8, cap 4).

Problemas com a justiça, dentro do seio familiar, contribuem para o aumento de condutas antissociais e desviantes nos jovens, tal como verificamos através da tabela 8 (cap.4). Quando falamos em mãe presa é da opinião de todos os participantes no estudo que este é um ponto que favorece o desenvolvimento de condutas por parte dos jovens (tabela 11, cap 4), uma vez que mãe e também pai presos contribuem como fator de desenvolvimento de condutas antissociais nos jovens (tabela 12, cap.4). Também nas opiniões dos jovens da fase 2, os problemas com a justiça aumenta a probabilidade de comportamentos nos jovens, mas referem que tudo depende do tipo de problema.

Se um pai ou uma mãe forem presos por terem cometido um crime grave, para os jovens não há qualquer desculpa possível para as suas atitudes e influenciará no comportamento dos jovens, no sentido de não quererem seguir aquele exemplo. Já Rakt, Ruiten, Graaf e Nieuwbeerta, 2010, referiam que o afastamento do criminoso (pai/mãe) pode diminuir os comportamentos delinquentes em jovens. Todavia, existe todo um lado que apesar de não justificável é aceitável por parte dos jovens. O caso de algum dos pais

ter problemas com a justiça ou ser efetivamente preso, mas isto foi a consequência de roubar para alimentar os filhos, torna-se numa situação perfeitamente compreensível por parte dos jovens. Nesta situação consideram que este comportamento dos pais não os influenciaria de forma negativa, “tentou-me safar de alguma maneira” (fg1). Mais se salienta o facto de caso fosse a mãe a estar presa ia afetar muito mais os jovens, uma vez que como mencionou um jovem, os rapazes sentem-se mais à vontade com a mãe para falar das coisas mais delicadas, ficando perturbados se não a tivessem (fg2).

Outros problemas são questionáveis sobre de que modo favorecem a transgressão nos jovens. Problemas psicológicos, parte de algum elemento do seio familiar, na ótica dos jovens, não influencia, tal como se verifica na tabela 8 (cap. 4), uma vez que ninguém tem culpa de ter uma doença (fg1), no entanto, segundo igualmente mencionam outros jovens vai haver sempre quezílias na família devido a este problema. Também Sheldon & Eleanor Glueck (1939, 1950 citados por Born, 2005) enunciam os sinais patológicos como aspeto influenciador de comportamentos. Outros problemas, no caso, financeiros, são considerados por todos os jovens da amostra como um ponto que não tem influencia (tabela 8, cap 4). No entanto, quando abordada a questão nos grupos focais, referem que esta questão vai influenciar sempre, podendo uns dar mais ou menos valor ao que têm e influenciar nas condutas desviantes dos jovens (tal como se verifica na tabela 11 e 14, cap.4). Já estudado por Kury & Woessner (2002), as questões que provocam mudança podem ser sim influenciadores de comportamentos transgressores nos jovens.

5.1.3. Perceber a relação entre práticas familiares (dis)funcionais e os comportamentos desviantes (percecionados e praticados) dos jovens

As práticas familiares e os modelos educativos utilizados pelos pais são um ponto extremamente fulcral de se abordar como grande ponto de influência nos jovens, igualmente estudada por diversos autores (Sheldon & Eleanor Glueck (1939, 1950 citados por Born, 2005; Olson 1999, 2000, 2011; Olson & Gorall, 2003). Pais negligentes, com autoridade e liberais favorecem as condutas antissociais e delitivas nos jovens, tal como podemos verificar através da tabela 12 e 13 (cap. 4). O estilo autoritário é o que não é referenciado como influenciador de condutas, tal como também aborda Hoeve et al. (2009) na meta-análise que realizou.

O controlo excessivo por parte dos pais é visto como uma característica que afeta condutas, uma vez que os jovens consideram que com o controlo excessivo não têm

liberdade para fazer nada, aproveitar a vida e quando existe uma liberdade mínima que seja os jovens perdem-se. Igualmente, investigadores abordam esta questão do controlo como uma barreira à interação dos jovens com o mundo exterior (Pais, 2003), porém pode igualmente esta questão pode ser olhada como forma de ajuda numa maior responsividade dos filhos, desenvolvendo a sua maturidade psicológica (Baumrind, 1991; Broman et al, 2008, citados por Dias, 2015).

O controlo por parte dos pais é visto como quanto mais batem na “tecla” (fg1) mais os jovens podem tender à realização de comportamentos. Vejamos, os pais não queriam que os jovens (da fase 2) fumassem, e no entanto fumam. Aqui podemos associar a expressão popular do fruto proibido é o mais apetece, também por eles mencionado. Por outro lado, pais que dão excessiva liberdade aos seus filhos são tidos em conta, segundo os jovens, como pais que não querem saber dos seus filhos e nem se quer sabem por onde eles andam. Os pais que não sabem orientar bem os seus filhos, na opinião dos jovens, têm alguém por trás que os orientem, como é o caso de avós, tios ou até mesmo irmãos. Porém, segundo o gráfico 5 (cap 4), em geral concordam que os pais sabem orientar bem os seus filhos (fase 1).

No caso da existência de má orientação por parte dos pais, existem crianças que já têm os seus ideais deste crianças tal como referem os jovens da fase 2, porém, é importante conhecer os elementos cognitivos e temperamentais das crianças e jovens para se compreender se existe ou não tendia ao desenvolvimento de comportamentos (Moffit, 1993; Lahey & Waldman citados por Hoeve et al., 2008).

Quando se compara géneros, chega-se à conclusão que a liberdade é dada de igual forma para ambos os géneros, ainda que é seja associada à rapariga um conceito de fragilidade e de necessidade de mais proteção, tal como referem os jovens na fase 2. A liberdade excessiva, para ambos os géneros, é vista como tendo consequências, mas consideram que os jovens que a têm são mais felizes do que os que são controlados excessivamente. A idade aqui é um que não é tido em conta, uma vez que depende da maturidade não idade, podendo ser essa liberdade excessiva ser bem conduzida.

A participação e a coesão familiar são apontadas pelos jovens como influencia, tal como Olson (1999, 2000, 2011; Olson & Gorall, 2003) também refere. Os jovens querem participar na tomada de decisões importantes dentro do seio familiar, a fim de se sentirem integrados e unidos. A não participação e coesão, ou seja, a desestruturação de alguns pontos como a coesão, a flexibilidade e a comunicação se falharem dentro de uma família pode levar a que os jovens desenvolvam mais comportamentos transgressores.

No ponto de vista dos jovens a família é vista como um ponto mais influenciador do que a própria sociedade. Vejamos um exemplo dado por uma jovem onde aludiu que há jovens que não vivem com os seus pais, não tendo assim a influência direta dos mesmos, mas são igualmente maus e iguais a eles (fg2). Esta questão pode ser abordada do ponto de vista dos fatores biológicos, uma vez que Miles et al. (1997, citado por Born, 2005; Oliveira, 2015), abordam as questões de transmissão genética como um dos motivos que leva jovens a transgredir. Se tiverem pais criminosos estão mais propensos a ter o mesmo tipo de comportamentos, uma vez que está escrito no código genético.

Como a família é o primeiro agente de socialização, os jovens seguem os exemplos dos seus pais. Não se nasce racista ou xenófobo, mas segundo os jovens, o longo acompanhamento entre pais e filhos despoleta o mesmo tipo de atitudes nos descendentes. Tomemos como exemplo:

(M) porque os pais são as pessoas que nós se calhar estamos mais tempo se o meu pai for racista e eu estou com ele desde pequenino e passa um preto ou um cigano e ele até critica e olha de lado eu já vou aprender, acho que tudo que aprendemos com os pais (fg1).

Outras questões como a profissão e a sexualidade dos pais são outros dos motivos apontados pelos jovens como situações que podem desencadear a transgressão nos filhos. Caso haja uma mãe que tenha como profissão a venda do seu corpo, os jovens colocam em causa se esta poderá dar um bom ambiente e educação aos seus filhos, no entanto apontam que se não forem misturadas as questões, não influenciará os jovens. Esta questão e a sexualidade dos pais é vista como pontos de “gozo” por parte dos amigos da escola desses jovens.

Quando foi pedido aos jovens participantes do estudo que fizessem uma troca de papéis, notou-se que foi um grande desafio. Permitiu-lhes colocarem-se no lugar de pais de jovens que consomem e transgridem. Apesar de não serem a favor do controlo por parte dos pais como referido anteriormente, adotariam medidas de controlo se tivessem filhos assim.

Retirar telemóveis, colocar castigos e dar menos dinheiro são aspetos que reconheceriam que faziam no caso de terem filhos consumidores ou transgressores (fase 2). Facto curioso será de mencionar que na fase 1, quando falaram sobre os seus próprios pais, uma das coisas que menos selecionaram como práticas tidas pelos pais, foi o tirarem o telemóvel, como se pode observar no gráfico 6 (cap. 4). Por outro lado, referente ao

mesmo gráfico, encontramos a situação da aplicação de castigos, que já se encontra mais pontuada do que o tirarem os telemóveis.

Ponderavam ainda a situação de serem eles a estarem a cometer algum erro e não se aperceberem, privilegiando assim a comunicação entre pais e filhos a fim de perceber o que se passava.

Problemas emocionais, sociais e culturais podem ser outros dos motivos para que os jovens agriam outros jovens. A falta de confiança neles próprios, o querer chamar atenção dos amigos e/ou família, bem como questões ligadas à cobardia e ao bullying. Este último aspeto, é tomado em conta pelos jovens, sendo que até a pessoa mais pacata explode, “enche” (fg2) e explode. No entanto, importa dar ênfase às questões centradas na família.

5.1.4. Explorar as perspetivas dos jovens sobre comportamentos desviantes e dinâmicas familiares

Este ponto serve como um complemento das ideias dos participantes dos grupos focais, a fim de explorar o que mais verbalizarem sobre os consumos nos jovens e as preocupações que têm nos dias de hoje. Os consumos por parte dos jovens foi um assunto bastante abordado pelos participantes e os seus pontos de vista carecem de ficar aqui registados.

5.1.4.1. Consumos de substâncias ilícitas por parte dos jovens

Os jovens dos grupos focais consideram os jovens podem estar a consumir mais, apesar de sempre terem havido consumos, contudo, atualmente esta é uma situação mais vincada pelos media. Com esta mediatização os jovens passam a ser mais consumidores, com piores comportamentos e passam a ter um rótulo a si associados. Tal como refere Loic Wacquant (2000, citado por Gomes, 2015) a imprensa está encarregada de estigmatizar determinado grupo e a juventude/jovens são um desses grupos já rotulados e estigmatizados na sociedade.

A juventude é um grupo que acarreta uma enorme quantidade de conotações, em que muitas delas são menos positivas quando abordada de forma mais ligeira, mas já existem expressões ou ideia enraizadas na sociedade que arrastam a juventude/jovens para um aglomerado de acontecimentos. Irresponsabilidade e desinteresse são dois conceitos que lhes são atribuídos tal como refere Pais (2003) e nesta ótica os jovens podem consumir substâncias devido à falta de noção dos riscos, tal como mencionam os jovens

(fase 2). A constante informação disponibilizada sobre riscos de consumos de drogas e/ou álcool obrigaria os jovens a estarem a par destas, contudo, a falta de noção traduz-se nos tais conceitos agregados aos jovens, irresponsáveis e desinteressados.

A partir dos 15 anos já podemos ver jovens a consumir e a frequentar discotecas, mesmo quando é proibida a venda a menores e o acesso a esses sítios. A intensificação dos lucros, por parte dos proprietários, traduz-se no livre acesso a jovens de pelo menos 15 anos.

A curiosidade leva os jovens a experimentarem substâncias, como forma de conhecer o desconhecido. O imaginário da sensação que qualquer substância provoca é um ponto a atingir e a descobrir, mesmo que exista receio de experimentação de certo tipo de drogas, por parte de alguns jovens. Os jovens justificam esta curiosidade e o facto de experimentar como “experimentar não é crime” (fg1), não estão a fazer mal a ninguém, nem a quebrar nenhuma lei, nem “ninguém é tolinho” (fg2), logo têm toda a legitimidade e direito de matar a curiosidade.

As drogas apresentam uma dualidade de situações, em que por um lado há os jovens que experimentam uma vez e os que já têm esses comportamentos como continuados. Para o caso dos primeiros, os jovens da amostra consideram que os jovens experimentam e começam sempre pelas drogas mais leves, que nas suas opiniões são o haxixe e as ervas; para o segundo caso, já se tratam de jovens que evoluíram na questão consumos e passam a consumir drogas mais pesadas. Para estes casos, a maturidade é um assunto bastante falado pelos jovens, pois os consumos dependem das idades e desta característica. Um jovem de 15 anos se começar a consumir pode não conseguir parar, controlar-se o que pode afetar o seu desenvolvimento, segundo os jovens, enquanto um jovem de maior de idade já tem mais maturidade para conseguir perceber melhor a situação, tendo assim mais consciencialização sobre o assunto.

5.1.4.2. Preocupações dos jovens

As preocupações dos jovens não diferem de rapazes para raparigas, na opinião dos jovens. Apesar de mencionarem que as raparigas ligam bastante à imagem, esta característica foi igualmente apontada para os rapazes.

As preocupações com as questões financeiras foram alguns pontos que mais frisaram, mas alguns assumiram não ter ainda essa preocupação uma vez que ainda tinha quem o sustentasse e podemos pegar neste ponto como uma característica de desinteresse (Pais, 2003). Por outro lado, contrariamos esta ideia, uma vez que há jovens que trabalham

para ter a sua independência e outros que afirmam que só querem muito acabar o secundário.

Amigos e família são outras das preocupações dos jovens. O aproveitar a vida enquanto são novos é também um ponto a destacar, sem passar os limites e com cabeça, estando ambos relacionados “em vez de beber 5 ou 6 shots só bebo um ou dois” (fg1).

Os jovens assumem ter poucas preocupações, mas entra as que têm a imagem é o grande destaque enunciado.

Conclusão

No presente estudo o principal objeto de investigação foi compreender o papel da família nos comportamentos desviantes praticados pelos jovens. Durante o desenvolvimento deste estudo foi possível confirmar a existência de inúmeros estudos que retratam a relação entre esta família e comportamentos, no entanto, foi possível observar a carência existente no que concerne ao olhar dos jovens sobre a temática.

Os jovens são elementos da nossa sociedade que acarretam um grande número de conotações, estando presentes nas estatísticas nos últimos anos, onde de 2013 para 2014 a delinquência registada sofreu um aumento de 23,4 %. Igualmente são contemplados pelo quadro normativo-jurídico que rege o nosso país, avançando com lei protetoras e de punibilidade. A atribuição do rótulo desviante tem que carecer da apreciação deste contexto jurídico mencionado, bem como as questões sociais e culturais de cada país.

Nas temáticas de jovens e família existem várias ciências que dão o seu contributo para o contínuo desenvolvimentos de teorias que os abarcam. Essas teorias também foram orientadoras deste trabalho, procurando igualmente contribuir para a constatação desta relação (Fonseca Ed., 2002; Savignac (2009); Hoeve et al., 2008, 2009, 2012; Giddens, 2009). A necessidade de investigar mais sobre esta temática levou ao desenvolvimento da relação juventude, comportamentos desviantes e família.

No que respeita às conclusões chegadas através deste estudo, é notória a relação existente entre juventude, comportamentos desviantes e família. A juventude é associada a determinados problemas sociais, o que também se consegue verificar através dos resultados obtidos na fase 1 e 2. Consumos são um dos principais problemas atribuídos aos jovens. Associados a questões como a curiosidade e diversão e a motivos como por exemplo a influência de amigos, poderem integrar-se num grupo, mostrar maturidade ou existência de problemas de autoconfiança e em casa.

No que toca à violência entre jovens, um motivo apontado foi o namoro. Os ciúmes estão na base de muitas discussões e violências e quando comparamos rapazes e raparigas obtemos a informação que os rapazes agredem mais por estes motivos, apresentando comportamentos mais obsessivos.

Quanto aos comportamentos transgressores por parte dos jovens associados à raça e/ou étnica, viver ou frequentar determinado local considerar perigoso, isso não ter diretamente relação com os comportamentos. Segundo os jovens questões como estas já têm uma categorização social tão enraizada que é difícil desconstruir estas associações,

por exemplo, uma pessoa que vivem em determinado local perigo, por lá viver não significa que seja perigosa ou adote comportamentos que lá se têm, no entanto, a rotulação já está tão vincada que a pessoa acaba por ser rotulada juntamente. Apesar de existir sempre uma influência, para os jovens da amostra, não significa que os jovens irão ter comportamentos transgressores. Mais se salienta o trabalho feito por Carvalho (2010), quando menciona as questões de área de residência como uma característica de risco para os jovens.

Problemas em casa são um dos motivos que leva os jovens a terem comportamentos violentos com outros jovens. Qualquer problema e ou situação que aconteça dentro do seio familiar acaba sempre por afetar os jovens, como por exemplo o divórcio, a monoparentalidade, tomadas de decisões importantes em casa, consumos de substâncias, entre outros. Contudo, os problemas com a justiça são um dos que mais os afetam. Tomemos como exemplo um caso de homicídio. Os jovens perante esta situação referem que poderia afetar os jovens, uma vez que era uma situação considerada muito grave, mas se transpormos esta situação para uma de roubo, já existem duas conceções opostas. Se um pai ou uma mãe roubarem só porque é hábito deles e trata-se quase como uma situação de passatempo, os jovens refere, que a situação iria afetar o comportamento dos jovens, uma vez que poderiam começar a considerar aquelas ações como normais a tal ponto de começarem a fazer o mesmo. Porém, a situação de pai ou mãe roubarem para dar de comer ao filho, já é um caso aceitável, mas não justificável. Na ótica dos jovens, os seus pensamentos seriam “foi a pior opção mas tentou-me safar de alguma maneira” (fg1). Admitiram assim, que numa situação de desespero o roubo era compreensível.

As práticas utilizadas em casa pelos pais, segundo os jovens, vão influenciar sempre as condutas dos jovens. Pais autoritários veem reconhecido o seu estilo parental como ajuda ao desenvolvimento de maturação psicológica (Baumrind, 1991; Broman et al, 2008, citados por Dias, 2015) e tal se verifica igualmente segundo a opinião dos jovens na fase 1 que não enumeraram esta prática como fator de influência para os jovens.

No que concerne às preocupações dos jovens nos dias de hoje, circunscrevem-no no mesmo sentido, entre rapazes e raparigas, como é o caso da imagem. A parte financeira é igualmente questionável entre os jovens, bem como família e amigos. Note-se que estes últimos aspetos, para os jovens, não foram tão mencionados e enfatizados como a questão imagem.

É essencial perceber aos olhos dos jovens como lidam com determinadas questões. Mas para estes é claro que a família influencia muito mais do que qualquer outra

condição, uma vez que são com quem se passa mais tempo, são o primeiro agente de socialização e são o reflexo do que veem. Aspectos como consumos, problemas em casa como a justiça e financeiros, ter pais presos ou divorciados, são igualmente questões que afetam os jovens e como se comprovam quase todos estão interligadas à célula família.

Ao longo do processo existiram alguns percalços que não permitiram ir mais além do apresentado. Perante tudo que haveria para falar e abordar sobre teorias, métodos de investigação, instrumentos e análise que igualmente contribuiriam para este estudo, declara-se como é difícil poder chegar até mais matéria de investigação. As limitações desta e de tempo, não permitiram que mais fosse executado, porém salienta-se como se chegou à relação entre juventude, família e comportamentos desviantes e se responderam a todos os objetivos definidos para este estudo.

Este estudo contribui para o desenvolvimento da relação existente entre família e condutas desviantes nos jovens, dando voz a um dos atores sociais para apresentarem as suas perceções e opiniões em relação à família e a temas da atualidade. Perante tal contributo, fica o desafio às áreas que trabalham as questões da delinquência juvenil, uma vez que falta explorar a visão dos jovens no sentido da promoção da mudança.

Referências bibliográficas

- Andrews, D. & Bonta, J. (2010). *The Psychology of Criminal Conduct* (5th Edition). New Providence, Nj: LexisNexis.
- Becker, H. (2009-tradução em língua portuguesa) *Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. (1ªed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Carvalho, H. (2009). Desabafos. In Amaral (coord) *Justiça e Delinquência*. Porto, Fronteira Caos Editores: 151-161.
- Carvalho, M. (2004). *Entre as malhas do desvio: jovens, espaços e trajetórias delinquentiais*. Comunicação VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal.
- Carvalho, M. (2005). Jovens, espaços e trajetórias delinquentiais. *Sociológica, problemas e prática*, 49, pp. 71-93
- Carvalho, M. (2010). *Do Outro Lado da Cidade: Crianças, Socialização e Delinquência em Bairros de Realojamento*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- Cloward, R.; Ohlin, L. (1960). *Delinquency and Opportunity* [PDF]. Disponível em <https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=Cb2AAAAAQBAJ&oi>
- Correia, S. (2015- não publicada). *Intervenção social na área das crianças e jovens em perigo: Violência Doméstica*, Monografia, Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia e de Ciências Sociais, Braga, Portugal.
- Coutinho, C. (2016). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Cusson, M. (2011). *Criminologia* (3.ed). Alfragide: Casa das Letras.
- Dias, M. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica: O processo de comunicação do sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156. Disponível em repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9176/1/gestaodesenvolvimento19_139.pdf
- Dias, D. (2015). *Comportamento delinquent e consumo de substâncias psicoativas ilícitas em jovens com inquérito/medida tutelar educativa*, Tese de Mestrado, Universidade Católica, Porto, Portugal.
- Duarte, V. (2011). *Os caminhos de Alice do outro lado do espelho: Discursos e percursos na delinquência juvenil feminina*, Tese de Doutoramento, Universidade do Minho-Instituto de Ciências Sociais, Braga, Portugal.

- Duarte, V.; Carvalho, M. (2015). “Da delinquência juvenil: Contributos para a problematização de um conceito” in Cunha (org.) *Do crime e do castigo: temas e debates contemporâneos*, Lisboa, Mundos Sociais: 99-112
- Duarte, V.; Gomes, S. (2015). A (des)construção de uma história única: Cruzando crime, género, classe social, etnia e nacionalidade. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*. 8, 139-164.
- Durkheim, Émile (1970) [1895]. *A divisão do trabalho social, 1º vol.* Lisboa: Presença.
- Durkheim, Émile (1992) [1897]. *O suicídio*, Lisboa: Presença.
- Faco, V.; Melchiori, L.; (2009). Conceito de Família: adolescentes de zonas rural e urbana. In VALLE (org.) *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Farrington, D. (2011). Family Influences on Delinquency. Disponível em http://samples.jbpub.com/9780763760564/60564_CH10_Springer.pdf
- Felgosa, M. (2013). *Coesão e Adaptabilidade Familiares: Estudo preliminar das características psicométricas da FACES III numa amostra de mães portuguesas*, Tese de Mestrado, Universidade do Algarve, Algarve, Portugal.
- Ferreira, P. (1997). Delinquência juvenil, família e escola. *Análise Social*, xxxii(143), 913-924. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793968M7uDQ9ah6Bb71JL6.pdf>
- Ferreira, P. (1999). Infracção e censura- representações e percursos da sociologia do desvio. *Análise Social*, xxxiv(151-152), 635-667. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799332M1tZH7ex0Dg11PY1.pdf>
- Formiga, N. (2003). Fidedignidade da escala de condutas anti--sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psicologia em Estudo*, 8 (2), 133-138.
- Formiga, N. (2005). Condutas anti-sociais e delitivas e relações familiares em duas áreas urbanas na cidade de Palmas-TO. *Aletheia*, 22, 63-70.
- Formiga, N.; Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas anti-sociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psico (Porto Alegre)*, 34(2), 367-388.
- Formiga, N., Aguiar, M.; Omar, A. (2008). Busca de sensação e condutas anti-sociais e delitivas em jovens. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(4), 668-681.
- Formiga, N. S., Estevam, I., Camino, C., Mathias, A., & Santos, J. (2010). *Montando o quebra-cabeça da violência entre os jovens: Testagem de um modelo teórico*. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional Adolescência e Violência: Perspectiva clínica educacional e jurídica, Brasília, DF, Brasil.

- Formiga, N.; Duarte, V.; Neves, S.; Machado, M.; Machado, F. (2015). Escala de Condutas Antissociais e Delitivas: Estrutura Fatorial da Versão Portuguesa.
- Fonseca, A. (ed), 2002. *Comportamentos anti-social e família: uma abordagem científica*. Coimbra: Almedina.
- Giddens, A (2009). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, S. (2015). Media e crime. Dos media e da construção das realidades Criminais. In M. Cunha (org.), *Do crime e do castigo: temas e debates contemporâneos* (pp. 81-97) Lisboa: Mundos Sociais.
- Gondim, S. (2003). Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 149-161. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>
- Hagan, F. (2013). *Introduction to Criminology: Theories, Methods, and Criminal Behavior* (8 ed). Disponível em <https://books.google.pt/books?id=exe7BAAAQBAJ&pg>
- Hoeve, M.; Blokland, A.; Dubas, J.; Loeber, R.; Gerris, J.; Laan, P. (2008). Trajectories of Delinquency and Parenting Styles. *Journal of Quantitative Criminology*, 36(2), 223-235. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s10802-007-9172-x>.
- Hoeve, M.; Dubas, J.; Eichelsheim, V.; Laan, H.; Smeenk, W. & Gerris, J. (2009). The Relationship Between Parenting and Delinquency: A Meta-analysis. *Journal of abnormal child psychology*, 37(6), 749-775. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2708328/>
- Hoeve, M.; Stams, G.; Put, C.; Dubas, J.; Laan, P.; Gerris, J. (2012). A Meta-analysis of Attachment to Parents and Delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40(5), 771-785. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3375078/>
- Hirschi, T. (1969). *Causes of Delinquency*. Berkeley: University of California Press.
- Kury, H.; Woessner, G. (2002). A família e os comportamentos desviantes dos jovens. In A. Fonseca (ed), *Comportamento Anti-social e família* (pp.181-212). Coimbra: Almedina.
- Loeber, R.; Farrington, D.; Petechuk, D. (2003), *Child Delinquency: Early Intervention and Prevention*. *U.S Department of Justice*. Disponível em <http://eric.ed.gov/PDFS/ED477922.pdf>

- Machado, H.; Santos, F. (2009). “Dramatização da justiça e mediatização da criminalidade. Que rumos para o exercício da cidadania?”. *Configurações 5 e 6*: 55-74.
- Machado, M. (2008). *Aliança parental, Coesão e Adaptabilidade Familiar ao longo do ciclo vital da família*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação-Universidade de Lisboa, Portugal.
- Margasiski, A. (2014). An Outcome Study of alcoholic families in Poland Using FACES IV. *Journal of Family Psychotherapy 25*, 248-358.
- Martins, P. (2004). *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco: representações sociais, modos e espaços*. Tese de Doutoramento- Instituto de Estudos da criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- McCord, J. (2002). Forjar criminosos na família. In A. Fonseca (ed), *Comportamento Anti-social e família* (pp.15-36). Coimbra: Almedina.
- Merton, R. (1938). Social Structure and Anomie. *American Sociological Review*, 2(5), 672-682. Disponível em <http://www.d.umn.edu/cla/faculty/jhamlin/4111/Readings/MertonAnomie.pdf>
- Moffitt, T. (1993). Adolescence-Limited and Life-Course-Persistent Antisocial Behavior: A Developmental Taxonomy. *Psychological Review*, 100 (4), 674-701.
- Mucchielli, L. (2002). Monoparentalidade, divórcio e delinquência juvenil: uma relação empiricamente controversa. In A. Fonseca (ed), *Comportamento Anti-social e família* (pp. 213-244). Coimbra: Almedina.
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis: Trajectórias, intervenção e prevenção*. Porto: LivPsic.
- Oliveira, M. (2015). *Transmissão Intergeracional da Violência*. Lisboa: Chiado Editora.
- Olson, D. (1999). Circumplex Model of Marital & Family Systems. *Journal of Family Therapy*. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/1a77/2ead9d60c04095165f532cae26a76b352342.pdf>
- Olson, D. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy 22*, 144-17.
- Olson, D.; Gorall, D. (2003). Circumplex model of marital and family systems. *Normal Family Processes (3ed)*. New York, Guilford: 514-547
- Olson, D. H. (2011). FACES IV and the Circumplex model: Validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 3(1), 64–80.

- Olson, D.; Cavalho, J.; Leuschner, P. (2014). Healthy Functioning in Families with a Schizophrenic Parent. *Journal of Family Psychotherapy* 25, 1-11.
- Pais, J. (2003). *Culturas Juvenis. (2ª Ed.)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pereira, M.; Teixeira, R. (2013). Portuguese Validation of FACES-IV in Adult Children Caregivers Facing Parental Cancer. *Contemp Fam Ther* 35, 478-490.
- Rakt, M.; Ruiter, S.; Graaf, N.; Nieuwbeerta, P. (2010) When does the Apple Fall from the Tree? Static Versus Dynamic Theories Predicting Intergenerational Transmission of Convictions. *Journal of Quantitative Criminology*, 26(2), 371-389. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s10940-009-9089-3>
- Rodrigues, C. (2010). *“A mão de deus. A protecção de crianças em perigo em Portugal e no Brasil: um estudo comparativo*. Dissertação de Mestrado em Política Social- Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Savignac, J. (2009). Families, youth and delinquency: the state of knowledge, and family-based juvenile delinquency prevention programs. *National Crime Prevention Centre (NCPC)*. Disponível em: <http://www.publicsafety.gc.ca/cnt/rsrscs/pblctns/fmls-yth-dlnqnc/index-en.aspx>
- Seisdedos, N. (1988). *Cuestionario A-D de conductas antisociales-delictivas*. Madrid, España: TEA.
- Tehrani, L.; Mednick, D. (2002). Influências genéticas no comportamento criminal. In A. Fonseca (ed), *Comportamento Anti-social e família* (pp.301-316). Coimbra: Almedina.
- Quivy, R.; Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Outros documentos

Legislação

Convenção sobre os Direitos da Criança, 1989, Nações Unidas

Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), Lei n.º 147/99, de 1. Retificada pela Lei n.º 142/2015 de 8 de Setembro

Lei Tutelar Educativa (LTE), Lei 166/99, de 14 de Setembro. Retificada pela Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro

Organização Tutelar de Menores (OTM), Decreto-Lei n.º 314/78, de 27 de Outubro

Relatórios e Estatísticas

Relatórios Anuais de Segurança Interna (RASI), 2016 [online], disponível em: <http://www.mai.gov.pt>

Media

Notícia sobre jovens agressores de boas famílias, 17 de Outubro de 2015 [online], disponível em <https://sol.sapo.pt/artigo/417439/viol-ncia-entre-jovens-sem-perdao>, [acedido em 10/03/2017]

Notícia sobre jovens filhos do embaixador do Iraque espancam jovem, 17 e 23 de Agosto de 2016 [online], disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/agressoes-em-ponte-de-sor/2016-08-17-Jovem-de-15-anos-espancado-em-Ponte-de-Sor> e <http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/agressoes-em-ponte-de-sor/2016-08-23-Filhos-do-embaixador-do-Iraque-admitem-que-perderam-o-controlo>, [acedido em 10/03/2017]

Web sites

Escolas profissionais- www.escolasprofissionais.pt

UNICEF -<http://www.unicef.pt/>; <http://www.unicef.org/brazil/pt/>;

http://www.unicef.org/brazil/pt/sowc_20anosCDC.pdf

ANEXOS

Anexo 1. Divulgação do projeto

Anexo 2. Pedido de Autorização

Anexo 3. CAD

Anexo 4. Questionário

Anexo 5. Guião Grupos Focais



Divulgação do projeto de investigação

Como aluna de um Mestrado na área de Sociologia (Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade) da Universidade do Minho-Braga, venho por este meio apresentar o meu projeto de dissertação.

Atualmente assistimos a novos fatores de risco na sociedade, consequência de mudanças na contemporaneidade que podem levar à produção e/ou reprodução de comportamentos desviantes por parte dos jovens. Existem estudos consistentes sobre a relação entre família e comportamentos desviantes juvenis, contudo poucos se debruçam sobre como os jovens atribuem significados à forma como a família e as suas dinâmicas podem contribuir ou não para o desenvolvimento desses comportamentos. É neste último propósito que se enquadra a pesquisa que se pretende desenvolver e que aqui se apresenta.

O principal objetivo desta investigação é compreender o papel da família no desenvolvimento do comportamento desviante dos jovens, através de uma caracterização das principais condutas/comportamentos desviantes dos jovens da amostra e explorando as suas perspetivas sobre a relação entre dinâmicas familiares e comportamentos desviantes. Sendo assim, primeiramente num estudo de índole mais quantitativo, será aplicado um inquérito social composto por dois questionários: a Escala de Condutas Antissociais e Delitivas (ECAD - versão portuguesa), e uma caracterização sociodemográfica, familiar e de perceções; numa segunda fase através da entrevista e/ou grupos focais, pretende-se captar as construções de significados e representações sociais dos jovens sobre a relação entre família e comportamentos desviantes.



Exmo.(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação

Após contacto prévio com a Direção da Escola/Conselho Executivo, vimos por este meio solicitar que o seu educando participe numa investigação que está a ser desenvolvida sobre o papel da família na vida dos jovens. Este insere-se no âmbito de um mestrado na área da Sociologia, da Universidade do Minho-Braga.

Para tal serão aplicados 2 questionários em sala de aula (que se encontram disponíveis para consulta junto da Direção da Escola). A participação do seu educando reveste-se da maior importância.

É garantida total **CONFIDENCIALIDADE** e **ANONIMATO** das respostas

Pedimos-lhe que assine e devolva este pedido de autorização ao Diretor de turma.

Autorização

Eu, _____ (nome completo), Encarregado de Educação do (a) aluno (a) _____ (nome completo), nº ____, da Turma _____, do ____º ano de escolaridade, declaro que,

Autorizo, o preenchimento pelo meu educando dos questionários, no âmbito do mestrado na área da Sociologia, da Universidade do Minho-Braga;

Não Autorizo, o preenchimento pelo meu educando dos questionários, no âmbito do mestrado na área da Sociologia, da Universidade do Minho-Braga.

O Encarregado de Educação

(Assinatura)

Data: __/__/____

Questionário de Condutas Anti-sociais e Delitivas (CAD)

Seisedos (1988), Formiga (2002)

Versão Portuguesa

Formiga, Duarte, Neves, Machado, & Machado (2015)

Instituto Universitário da Maia (ISMAI)

Abaixo são apresentados alguns comportamentos que as pessoas podem apresentar no seu dia-a-dia. Pedimos-te que indiques, por favor, com que frequência os fazes. Anota, na escala de respostas, ao lado de cada frase, o número que melhor expressa a intensidade do teu comportamento.

Nunca	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Sempre
--------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---------------

- ___ Fazer brincadeiras com as pessoas, como empurrá-las para o chão ou tirar-lhes a cadeira quando se vão sentar.
- ___ Sair sem permissão (do trabalho, de casa ou da escola).
- ___ Andar, sem autorização, de bicicleta, de carro ou de mota pertencente a um desconhecido para dar um passeio, com a única intenção de se divertir.
- ___ Comer em locais proibidos (e.g., trabalho, escola, cinema).
- ___ Desarrumar ou assobiar numa reunião, lugar público ou de trabalho.
- ___ Roubar roupas de um estendal ou objetos dos bolsos de uma roupa deixada por alguém.
- ___ Conseguir dinheiro ameaçando pessoas mais fracas.
- ___ Destruir ou danificar coisas em lugares públicos.
- ___ Responder mal a um/a superior ou autoridade (em casa, no trabalho, na escola ou na rua).
- ___ Arrancar ou pisar flores/ plantas em parques ou jardins.
- ___ Incomodar pessoas desconhecidas ou fazer desordens em lugares públicos.
- ___ Chegar de propósito mais tarde do que o permitido (e.g., a casa, ao trabalho, a um compromisso).
- ___ Gastar frequentemente no jogo mais dinheiro do que se pode.
- ___ Transportar uma arma (faca ou canivete) caso considere necessário para uma briga.
- ___ Dizer palavrões ou expressões grosseiras.
- ___ Roubar coisas de grandes armazéns, supermercados, entre outros, estando abertos.
- ___ Roubar objetos de carros.
- ___ Entrar em locais proibidos (e.g., jardim privado, casa vazia).
- ___ Entrar numa loja que está fechada, para roubar ou não.
- ___ Resistir ou brigar para escapar da polícia.
- ___ Deitar lixo no chão (quando há perto um cesto de lixo).
- ___ Entrar num apartamento ou casa e roubar algo (sem ter planeado antes)
- ___ Planejar entrar numa casa ou apartamento para roubar coisas de valor.
- ___ Apanhar frutas num jardim ou pomar alheios.
- ___ Usar sem autorização a bicicleta de um desconhecido e ficar com ela.
- ___ Partir ou atirar para o chão as coisas dos outros.
- ___ Roubar coisas ou dinheiro em máquinas de refrigerantes, telefones públicos, entre outros.
- ___ Chegar tarde ao trabalho, à escola ou a um compromisso.
- ___ Negar-se a fazer as tarefas pedidas (no trabalho, na escola ou em casa).
- ___ Brigar com os outros (com golpes, insultos ou palavras ofensivas).
- ___ Roubar coisas de um lugar público (trabalho ou escola) num valor superior a 5€.
- ___ Roubar materiais ou ferramentas de pessoas que estão a trabalhar.
- ___ Usar drogas.
- ___ Enganar (e.g., em provas, competição importante).
- ___ Sujar as ruas ou passeios partindo garrafas ou derrubando caixotes de lixo.
- ___ Entrar num bar proibido ou comprar bebidas proibidas.
- ___ Tocar à campainha da casa de alguém e sair a correr.
- ___ Riscar em lugares proibidos (e.g., paredes, mesas).
- ___ Forçar a entrada em armazéns, garagens ou mercearias.
- ___ Pertencer a uma turma que arma confusões e se mete em problemas.



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Questionário

Relação entre juventude, comportamentos desviantes e família: o que os jovens têm para dizer?

Este inquérito está a ser realizado no âmbito de um mestrado na área da Sociologia (Crime, Diferença e Desigualdade) e tem como principal objetivo perceber o papel da família na vida dos jovens.

Será garantida total **CONFIDENCIALIDADE** e **ANONIMATO**.

I Parte

1. Sexo:

Masculino Feminino

2. Idade: _____

3. Caracterização do Agregado Familiar. Quem mora contigo?

Elemento da família (ex: mãe, pai, irmã, avó..)	Idade	Habilitações literárias	Profissão atual

4. Localidade onde vives? (Por exemplo: freguesia, bairro, centro da cidade)

_____.

5. Situação de residência onde vives

Alugada ; Própria ; Outra .

Qual? _____.

6. Situação dos pais:

Casados ; Separados de facto ³⁰ ; União de facto ³¹ .

Divorciado (s) ; Viúvo (a); .

7. Alguém da tua família mais próxima tem:

	Sim	Não	Quem?
Problemas de álcool			
Problemas com drogas			
Problemas com a justiça ³²			
Problemas financeiros			
Problemas do foro psicológico ³³			

II Parte

8. Indica o teu grau de concordância com as frases, utilizando a seguinte escala:

1-Discordo Totalmente; 2-Discordo; 3- Nem concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo Totalmente

	1	2	3	4	5
Os pais dão muita liberdade aos seus filhos					
Os pais dão muitos castigos aos seus filhos					
Os pais sabem orientar bem os seus filhos					
Os pais são os únicos culpados dos comportamentos dos filhos					
Os jovens importam-se com o que os outros dizem deles					
Os jovens importam-se com o que se passa no mundo à sua volta (por exemplo: terrorismo, assaltos, aborto, etc)					
Os jovens são desinteressados					
Os jovens são os únicos responsáveis pelos seus comportamentos					

³⁰ Vivem separados, mas não consumaram o divórcio em tribunal.

³¹ Vivem juntos, mas nunca se casaram.

³² Se já se envolveu em algum crime ou confusões.

³³ Se existe alguém com problemas que necessite de um acompanhamento e supervisão regular por parte de um psicólogo ou psiquiatra.

Os jovens são irresponsáveis					
Os jovens conhecem os seus direitos					
Os jovens sabem distinguir o que é crime do que não é crime					
Os jovens metem-se em muitas confusões					
Os jovens são delinquentes					
Os jovens são mal orientados pelos seus pais					

9. Mediante as seguintes afirmações, completa a frase, utilizando a escala proposta.

1-Nunca; 2- Raramente; 3- Às vezes; 4-Frequentemente; 5-Muito frequentemente

Os teus pais...

	1	2	3	4	5
Aplicam-me castigos					
Tiram-me o telemóvel					
Não me deixam sair à noite					
Deixam de falar comigo					
Batem-me					
Berram-me					
Dizem que ficam tristes comigo					
Comparam-me com os meus colegas em todas as áreas (ex: desporto, comportamento, notas, etc)					
Falam que os outros tiram melhores notas que eu					
Dão-me recompensas negativas ³⁴					
Dizem que os outros são melhores do que eu					
Encobrem as minhas asneiras					
Dão-me recompensas materiais quando tiro boas notas (ex: telemóvel novo, dinheiro, etc)					
Elogiam-me, dizem que sou bom no que faço (ex: escola, desporto, música, etc)					
Punem-me severamente quando me porto mal					
Não me castigam					
Dizem que sou o único culpado pelo meu comportamento					

³⁴ Dizem que não sei fazer nada, chamam-me “burro”, etc.

10. Perante as seguintes afirmações, completa a frase, utilizando a escala proposta.

1-Discordo Totalmente; 2-Discordo; 3- Nem concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo Totalmente

Na minha família/casa...

	1	2	3	4	5
Cada um pode expressar livremente a sua opinião					
Todos participam na tomada de decisões importantes					
Tenta-se procurar novas soluções para os problemas					
Todos temos responsabilidades (ex: arrumar, cozinhar..)					
Temos medo de dizer aquilo que pensamos					
É difícil saber quais são as regras da casa					
Ajudamo-nos uns aos outros quando temos dificuldade (ex: trabalhos de casa, tarefas domésticas..)					
Sentimo-nos muito chegados uns aos outros					
Gostamos de passar os tempos livres juntos					
Costumamos estar todos juntos na mesma sala					
Conhecemos os melhores amigos uns dos outros					
Pedimos a opinião uns dos outros					

11. Consideras que os jovens que mais transgridem têm/são:

1-Discordo Totalmente; 2-Discordo; 3- Nem concordo, nem discordo; 4-Concordo; 5-Concordo Totalmente

	1	2	3	4	5
Pais divorciados					
Pai alcoólico					
Mãe alcoólica					
Pai preso					
Mãe presa					
Criados apenas pela mãe					
Criados apenas pelo pai					
Pai/mãe com algum problema do foro mental ³⁵					
Pais com autoridade ³⁶					
Pais liberais ³⁷					

³⁵ Alguém com problemas que necessite de um acompanhamento e supervisão regular por parte de um psicólogo ou psiquiatra.

³⁶ Pais que controlam e apoiam muito os seus filhos.

³⁷ Pais que dão bastante apoio mas não controlam muito.

Pais autoritários ³⁸					
Pai ou mãe desempregados					
Problemas económicos					
Frequentam locais considerados perigosos					
De uma determinada raça ou etnia					
Algum problema psicológico					
Amigos que são más influências					
Consumem drogas					
Consumem álcool					
Pais negligentes ³⁹					
Provenientes de bairros sociais					
Provenientes de classes sociais desfavorecidas					
Provenientes de classes ricas					
“Quem sai aos seus não degenera”					
Jovens que se isolam mais					
Laços sociais fracos ⁴⁰					

12. Quem é o teu maior exemplo na tua família? (Assinala com um X a tua resposta)

Mãe Avó Primo (s)
Pai Avô Outro . Quem? _____
Irmã Padrinho
Irmão Madrinha

Porquê?

Obrigada pela tua participação 😊

³⁸ Pais que controlam muito mas apoiam pouco.

³⁹ Pais que não controlam, nem apoiam os seus filhos.

⁴⁰ Não fazem parte de nenhum grupo, nenhum desporto e mesmo os laços familiares não são fortes.

Guião grupos focais

I Parte

Notícia 1: Consumos de álcool e consumos de drogas estão a aumentar

(<http://www.jn.pt/nacional/interior/bebidas-de-shots-esta-a-aumentar-5011698.html>)

(<http://www.diariodosacores.pt/index.php/destaques-2/6803-consumo-de-drogas-esta-a-aumentar-e-cresce-o-aparecimento-de-novas-substancias>)

Notícia 2: Raparigas torturam uma jovem durante 4 horas e lamentam não a ter matado..

1. Acham que os jovens estão a consumir mais álcool e drogas? O que é que se consome mais? Quais os motivos que, na vossa opinião, levam os jovens a consumir? Há uma “não consciencialização/banalização” dos riscos?
2. Relativamente à notícia 2, qual a vossa opinião sobre o que aconteceu? E se fossem rapazes?
3. Na vossa opinião, quem são os jovens que praticam piores comportamentos? (análise por: classes, zona de residência, pertença étnica, estrutura e dinâmicas familiares, grupo de amigos e consumos...)

II Parte

4. O que acham que influencia os jovens a terem comportamentos desviantes? (ex: família, amigos, namorado(a), condição psicológica, problemas económicos, frequentarem lugares perigosos, amigos má influência, consumo de substâncias, etc)
5. No que toca à família, acham que os pais têm influência sob os comportamentos dos seus filhos? Como? Porquê?
 - 5.1. Se na família houver pais (mãe/pai) com algum problema de álcool, droga, com a justiça, financeiro ou do foro psicológico, acham que isso afeta o comportamento dos seus filhos? De que maneira?
 - 5.2. Acham que o tipo de educação que é dada aos filhos influencia os seus comportamentos? Como? Exemplos
6. O que pode ser mais negativo na educação de um jovem: liberdade excessiva dada ou controlo excessivo? Porquê?
 - 6.1. Se fossem vocês a ter o papel de pais, o que fariam de igual ou diferente?
7. Acham importante os jovens participarem nas tomadas de decisões na família? Porquê?
8. Porquê que acham que os jovens têm comportamentos delinquentes? O que os difere dos outros jovens que não cometem esses comportamentos?
9. Na vossa opinião quais são as preocupações que os jovens mais têm?